

1977



2017



SOMOS IGREJA QUE

EVANGELIZA

ANACLETO OLIVEIRA † BISPO DE VIANA DO CASTELO

ANO PASTORAL 2018/2019

CARTA PASTORAL AOS DIOCESANOS DE VIANA DO CASTELO PARA A VIVÊNCIA  
DO SEGUNDO ANO DO PROJECTO TRIENAL 2017-2020  
CELEBRATIVO DOS QUARENTA ANOS DA CRIAÇÃO DA DIOCESE



Diocese Viana do Castelo



**1977**



**2017**

Ganfei  
berço de  
**S.  
T.  
&  
O.  
T.  
O.  
R.  
I.**  
I Santo  
Português  
1882 - 1942





INSCRIPCIÓN INLEGIBLE



INSCRIPCIÓN INLEGIBLE

S. TITOIANO



Diocese  
Viana do Castelo



Instituto Católico  
de Viana do Castelo

#### EDIÇÃO

Título: Somos Igreja que Evangeliza  
Autor: Anacleto Oliveira  
Editor: Diocese Viana do Castelo  
Ano: 2018 / 1ª edição  
Tiragem: 2 000 exemplares  
Design: Afonso Designers, Lda  
Impressão: Gráfica Visão  
Depósito Legal: 445919/18  
ISBN: 978-989-97503-5-7

#### CONTACTOS

**Instituto Católico de Viana do Castelo**  
Escola Superior de Teologia e Ciências Humanas  
Rua da Bandeira 117/131  
4900-560 Viana do Castelo  
Telefone / Fax: **258 823 263**  
e-mail: [institutocatico@sapo.pt](mailto:institutocatico@sapo.pt)  
[www.icatviana.org](http://www.icatviana.org)

**Diocese de Viana do Castelo**  
Paço Episcopal  
Av. Paulo VI, 735 — Darque  
4935-058 VIANA DO CASTELO  
[www.diocesedeviana.pt](http://www.diocesedeviana.pt)



---

SOMOS IGREJA QUE

---

EVANGELIZA

---

ANACLETO OLIVEIRA † BISPO DE VIANA DO CASTELO

---

ANO PASTORAL 2018/2019

**CARTA PASTORAL** AOS DIOCESANOS DE VIANA DO CASTELO PARA A VIVÊNCIA  
DO ANO PASTORAL CELEBRATIVO DOS QUARENTA ANOS DA CRIAÇÃO DA DIOCESE  
E PRIMEIRO DO PROJECTO PASTORAL TRIENAL 2017/2020



Diocese Viana do Castelo



## ·3[ ÍNDICE ]8·

### PRIMEIRA PARTE

#### DA GRATIDÃO À EVANGELIZAÇÃO

Um (primeiro) ano de acção de graças ao Senhor .....	9
Como agradecemos .....	10
Nova fase na vida da Diocese .....	12
Sinais de alarme sobre a vitalidade da Diocese .....	13
Numa sociedade em profundas mudanças .....	14
Confronto dos cristãos com outros modelos de vida .....	16
Oportunidades para a evangelização .....	19
A exemplo de São Teotónio .....	23
Em sintonia com o «Ano Missionário» .....	24
Sob a orientação do evangelista São Lucas .....	25

### SEGUNDA PARTE

#### CONTEÚDO DO EVANGELHO

«Vede as minhas mãos e os meus pés: sou eu» .....	29
Pés de quem sai ao serviço do Evangelho .....	31
A percorrer a Galileia .....	32
A caminho de Jerusalém .....	35
Mãos de quem faz o bem .....	37
Impulsionado pela compaixão de Deus .....	39
«Eu estou no meio de vós como o que serve» .....	42
Nessa mesma hora voltaram para Jerusalém .....	46

### TERCEIRA PARTE

#### MEDIADORES DO EVANGELHO

A partir do encontro com Jesus Cristo .....	49
Testemunhas de Cristo .....	52
Testemunhas pela vivência do amor de Deus e de Jesus Cristo .....	55
Em actividades formativas .....	60
Em actividades celebrativas .....	64
Em actividades caritativas .....	70

### QUARTA PARTE

#### DESTINATÁRIOS DO EVANGELHO

Todos os homens e o homem todo .....	79
Na concreta situação em que mais se precisa de vida .....	81
Em actividades formativas .....	83
Em actividades celebrativas .....	90
Em actividades caritativas .....	95

### QUINTA PARTE

#### DA EVANGELIZAÇÃO À GRATIDÃO

A energia evangelizadora da oração .....	101
Uma oração de contemplação .....	102
Uma oração de intercessão .....	104
Uma oração de acção de graças .....	106



# DA GRATIDÃO À EVANGELIZAÇÃO

---

## UM (PRIMEIRO) ANO DE ACÇÃO DE GRAÇAS AO SENHOR

**01** «Senhor Deus, nosso Pai, damos-te graças pelo Espírito que, por Jesus Cristo, teu Filho e nosso Senhor, derramas sobre a Igreja»<sup>1</sup>. Quantas não terão sido as vezes que estas palavras ressoaram em nós, desde que, há um ano a esta parte, iniciámos o triénio comemorativo dos quarenta anos da criação e formação da nossa Diocese de Viana do Castelo! E que palavras tão vitais para ela!

*Somos Igreja que agradece* foi o título da carta pastoral que escrevi como orientação para vivermos juntos a efeméride. Porque é pela acção de graças — em especial, a Eucaristia — que a Igreja «manifesta e se torna cada vez mais aquilo que é»<sup>2</sup>, adoptou-se por isso o simples indicativo «agradece» como lema desse primeiro ano.

Com a vantagem de passar a ser também um imperativo que nos interpela, a todos e a cada um em particular: — *Agradece ao Senhor pela tua Igreja diocesana e, contigo, ela será ainda mais aquilo que é: «Povo reunido na unidade do Pai e do Filho e do Espírito Santo»<sup>3</sup>, unidade com Deus trino e uno e unidade entre nós pela comunhão que na mesma oração estabelecemos com Ele!*

---

1. Prelúdio da oração do jubileu especial de «gratidão» pelos quarenta anos da criação da Diocese de Viana do Castelo.

2. *Catecismo da Igreja Católica*, n. 2637; cf. OLIVEIRA, Anacleto — *Somos Igreja que Agradece*, Viana do Castelo 2017, ns. 53–56.

3. S. CIPRIANO, citado em II CONCÍLIO ECUMÉNICO DO VATICANO — *Lumen Gentium*, n. 4.

## COMO AGRADECEMOS

**02** De acordo com Bartolomeu dos Mártires, a virtude da gratidão tem três graus: primeiro, «conhecer no coração o benefício e ter lembrança dele»; segundo, «dar graças com a boca e louvar o benefício e o benfeitor»; o terceiro é «recompensar e retribuir com a obra segundo sua possibilidade quando se oferece tempo e lugar»<sup>4</sup>. Ora, o que o Beato assim o diz, a respeito dos filhos em relação aos pais, nós, enquanto filhos, o procurámos realizar, com mais razão, para com o Pai celeste:

Primeiramente, aflorámos à memória as figuras que Ele nos concedeu como seus mediadores para a vida da Diocese: os Beatos Bartolomeu dos Mártires e Paulo VI, sob cujo impulso lhe damos graças. Em segundo lugar, revisitámos os traços preponderantes de cada um dos quatro bispos que até agora a pastorearam. Ao mesmo tempo, sublinhámos o papel dos sacerdotes, religiosos e fiéis leigos e consagrados, que, antes da criação, tão afincadamente por ela se bateram e, depois, tanto se lhe têm dedicado, para que cresça e se consolide, em serviços promovidos por vigararias, secretariados, movimentos e obras, a nível central e local. A todos eles, entre muitos outros arautos, re-cor-dámos no *coração* — *cor*, em latim —, o órgão que, na tradição bíblica, é considerado como centro vital, sede do conhecimento e da vontade e, como tal, lugar privilegiado para o encontro com Deus pela oração — especialmente, a de acção de graças<sup>5</sup>.

Em razão do bem que representaram e dos benefícios que nos proporcionaram louvámos o Senhor, rezando e cantando. Desde logo, na catedral diocesana, a igreja-mãe, cuja porta santa se reabriu, como porta da gratidão e de acesso a novas graças, que nos podem responsabilizar ainda mais pela Igreja que formamos. Também

---

4. BARTOLOMEU DOS MÁRTIRES — *Catecismo ou Doutrina Cristã e Práticas Espirituais*, cap. 7. Tais graus inserem-se, por sua vez, nas três actividades de que vive a Igreja (formação, celebração e comunhão), designadamente na sua oração. Esta, «fundada sobre a fé apostólica e autenticada pela caridade, alimenta-se na Eucaristia» (Catecismo da Igreja Católica, n. 2624, com base em Act 2, 42). Da triplíce acção da Igreja ocupou-se o Sínodo Diocesano (2002–2006), considerado como «o acontecimento-charneira na formação e consolidação da Diocese» (OLIVEIRA, Anacleto — *Somos Igreja que Agradece*, n. 6), e a minha referida carta pastoral, nas três partes centrais (ns. 12–42).

5. Cf. *Catecismo da Igreja Católica*, ns. 2562–2564.

em muitas outras igrejas de paróquias, santuários, casas religiosas, em união, por vezes presencial, com o pastor diocesano. Em todos esses lugares louvámos o Senhor, mormente na Eucaristia, juntando às graças concedidas por Deus a toda a humanidade as específicas da Igreja que somos. Tantas têm sido as vezes que rezamos a oração jubilar que acabamos por a dizer de *cor*, a partir do *cor*-ação! Foi o caso de um miúdo, com apenas 7 anos, que encontrei numa visita pastoral. Ao ouvi-lo recordei as palavras do Sl 8, 3 — *Da boca das crianças (...) sai um louvor perfeito* — e as de Jesus — *Se vos não converterdes e vos não tornardes como as crianças, não entrareis no reino dos Céus* (Mt 18, 3). A criança como modelo da fé, expressa na oração — de *cor*.

Não só temos agradecido, mas também retribuído com obras. Recordamos a solene transladação para a catedral dos restos mortais do primeiro pastor, D. Júlio Tavares Rebimbas, que congregou bispos, presbíteros, religiosos e simples fiéis, inclusive de outras dioceses, e nos ajudou a reviver o entusiasmo e a dedicação com que ele serviu a Diocese no seu alvor. Completou-se o percurso da exposição comemorativa itinerante, depois de ter permanecido temporariamente em cada um dos Arciprestados, acompanhada por iniciativas diversas, em resposta ao objectivo comum de reavivar em cada cristão o ardor da fé e o sentido de Igreja. Realizou-se também o *Campus* da Gratidão, um encontro intergeracional de formação, celebração e convívio, no auge de campanhas para a vivência em espírito jubilar dos tempos do Natal e da Páscoa. Lembramos finalmente (não exaustivamente) os contributos tanto de cariz histórico como testemunhal, publicados quer pelo Instituto Católico<sup>6</sup>, quer pelo jornal diocesano «Notícias de Viana».

Em todos estes acontecimentos, quanta generosidade e criatividade foram reveladas! Quanto empenho e espírito de serviço! Quanto esforço e sacrifício, em tempo e bens materiais! Razões acrescidas para exclamarmos: — *Graças a Deus!* A Ele se deve o que fizemos... e faremos.

---

6. Cf. MATOS REIS, António — *Alto Minho cristão. Apointamentos para a História da Diocese de Viana do Castelo*, in «Memória», 14 (2017), pp. 5-198.

## NOVA FASE NA VIDA DA DIOCESE

**03** Obviamente, o jubileu não se confina à gratidão pelo passado que herdámos ou ajudámos a construir. Pois, a verdadeira gratidão compromete. Mormente, se dirigida ao Senhor. A própria oração jubilar o demonstra. Depois da prévia acção de graças, imploramos a meio: «Pedimos-te pela renovação da nossa Diocese, para que, fiel ao sopro do Espírito, seja sal da terra e luz do mundo e faça suas as tristezas e as angústias, as alegrias e as tristezas dos homens e das mulheres de hoje». «Sal» e «luz», sobretudo pela evangelização; abertura à vida «dos homens e das mulheres de hoje», primeiramente pelo seu acolhimento.

Evangelização e acolhimento são duas tarefas tão vitais para a Igreja que somos, como a oração que por ela temos rezado. Por isso, da primeira trataremos no ano pastoral de 2018-2019, que iniciamos. O acolhimento merecerá a nossa especial atenção a partir de 2019-2020.

Entretanto, continuaremos a rezar. Aliás, é esse o pressuposto na conclusão da oração jubilar, em que pedimos ao Senhor que nos faça, não somente «agradecidos», mas também «testemunhas do Evangelho» e «uma igreja jovem e bela, missionária e acolhedora, livre, fiel e rica de amor». Não o sendo, deixaremos de ser Igreja.

Primariamente por razões estruturais. Uma Igreja, que não saia ao encontro de todos para lhes anunciar o Evangelho da salvação e não lhes abra as portas e o coração para os acolher, perde o que está na sua origem e essência: o infinito amor de Deus, manifestado em seu Filho Jesus Cristo de modo único; o amor que, uma vez aceite e recebido, tem de ser posto em prática, evangelizando e acolhendo.

A estas razões, aprofundadas mais adiante, juntam-se motivos mais conjunturais, isto é, que têm a ver com o que na nossa Diocese se está a passar, designadamente no que respeita à evangelização ou falta dela.

## SINAIS DE ALARME SOBRE A VITALIDADE DA DIOCESE

**04** A referida exposição comemorativa itinerante compreendia dez painéis, um sobre cada Arciprestado. Em cada painel eram evidenciados dados referentes ao em qualquer um dos Arciprestados ocorreu de relevante nos primeiros quarenta anos da Diocese. A composição dos dados expostos obedeceu a um esquema: na parte inferior figuravam documentos, tanto fotográficos como escritos, sobre o que, a nível arciprestal, mais contribuiu para a formação da Diocese; no topo do painel, os gráficos desenhavam a evolução da prática religiosa entre os anos 1977 e 2016.

A leitura atenta de cada painel despertava, inevitável e paradoxalmente, duas sensações no observador. Se a parte inferior despertava satisfação e gratidão, a superior despertava precisamente o oposto: preocupação, senão mesmo pessimismo. Basta para isso observar as linhas todas descendentes nos gráficos sobre a prática sacramental, verificando-se, em alguns casos, uma redução a rondar os noventa por cento. Apenas os funerais foram menos em 1977, excepto em um Arciprestado.

Idêntica tendência observa-se também em praticamente todas as outras áreas da vida cristã, algumas delas não evidenciadas nos painéis da exposição, mas que todos constatamos. Quer na catequese e outras iniciativas de formação, quer nas (restantes) celebrações litúrgicas – inclusive na vivência da caridade –, o número e o entusiasmo das pessoas envolvidas têm acentuadamente decrescido, em paralelo com o desaparecimento dos mais idosos.

Um panorama assim esboçado, ainda que em poucos traços, obriga-nos a ver os primeiros quarenta anos da Diocese com olhos críticos. Não admira que haja mesmo quem questione o sentido e a oportunidade do que temos feito no jubileu da sua criação. Surgem então as perguntas: — *Será que a Diocese, em vez de crescer e se consolidar, não está afinal, principalmente nos últimos anos, a definhar e, mantendo-se a tendência, até em vias de desaparecer? Nesse caso, que sentido faz*

*celebrar o seu nascimento, quando é para o seu fim que caminhamos, a passos largos?*

As perguntas são provocatórias, assim como, provavelmente, as estatísticas que as suscitam o pretendiam ser. Mas, não para despertar e alimentar desencantos e lamentações, que de certo modo e compreensivelmente, já sentem alguns diocesanos, sobretudo os que viveram a alegria e o fervor dos tempos da infância, adolescência e até juventude da Diocese.

Não, não é isso que se quer como resultado dos dados expostos e como respostas às correspondentes perguntas. O objectivo é, sim e unicamente, o de levar-nos a pensar, projectar e iniciar o futuro da Diocese, tendo em conta o seu passado, mas com os pés bem assentes no presente, que, sendo diferente, não tem de ser em tudo negativo. Pelo contrário, olhado à luz da fé e da esperança autênticas, deve despertar em cada um de nós o necessário e sincero desejo de renovação e revitalização.

## NUMA SOCIEDADE EM PROFUNDAS MUDANÇAS

**05** Neste sentido, há que, para já, procurar respostas, ainda que incompletas, para as questões primárias: qual a real dimensão das mudanças e, sobretudo, quais as suas causas?

Antes de mais, é inquestionável que a quebra na vitalidade da Diocese não pode dissociar-se das transformações profundas na sociedade em geral e, de modo particular, naquela em que a Diocese está implantada.

O Alto Minho nos anos setenta do século passado não é o mesmo do presente. Há diferenças abismais, que se devem fundamentalmente a dois fenómenos: a globalização e a mobilidade. Ambos são responsáveis pelo rompimento das fronteiras, cada vez mais acentuado, entre povoações e pessoas, diluindo-se assim o isolamento em que antes viviam. Para isso contribuíram notoriamente os seguintes factores:

- As migrações. Por um lado e em especial, constata-se a deslocação de inúmeras pessoas, dentro e para fora do País — mormente, as proveninetes de meios rurais, em busca de melhores condições de vida. Por outro, embora em menor grau e mais nos últimos tempos, assiste-se à vinda de pessoas, atraídas por potencialidades da região — designadamente, turísticas. A população tornou-se diferente, em muitos aspectos da sua vida, ainda que, em geral, se tenha mantido talvez mais agarrada a hábitos e tradições que a identificam.
- Os meios de comunicação. Hoje é muito mais fácil a deslocação, quer no interior das povoações, quer para fora delas, devido a uma rede rodoviária e a meios de transporte, raros ou inexistentes há meio século. A esta facilidade juntaram-se, entretanto, os meios audiovisuais, que, desde o último quarto do século passado, nos colocam cada vez mais em ligação com qualquer pessoa ou evento, em qualquer parte do planeta, à hora e ao ritmo do que está a acontecer, ainda que seja a partir dos pontos mais recônditos das nossas terras.
- As facilidades de acesso à instrução. Começaram com o crescente aumento da escolaridade obrigatória — e gratuita, para escolas estatais —, actualmente estipulada para doze anos, em contraponto com os quatro de há cinco décadas atrás. Além disso, dá a possibilidade de ser completada por uma formação superior, cada vez mais aproveitada. O que depois obriga muitos a procurar emprego, por vezes, longe da terra natal, mas sem, em geral, perderem de todo a ligação com ela, aspecto talvez mais notório entre nós do que no resto do País.
- Os progressos nos cuidados de saúde. Têm sido, primeiramente, as descobertas da ciência e da técnica com vista a prolongar e/ou melhorar a vida, física e mental. Em segundo lugar, sublinha-se a existência de postos de cuidados de saúde, disseminados por

vários pontos do País, com uma assistência acessível a qualquer cidadão, incluindo no aspecto financeiro, o que tem levado muita gente, sobretudo da meia-idade para baixo, a «dispensar» meios oferecidos por outras vias, como as religiosas.

## CONFRONTO DOS CRISTÃOS COM OUTROS MODELOS DE VIDA

**06** Abertas assim as fronteiras, deparámo-nos com novos e variados modos de pensar e agir, incluindo no campo religioso. De tal modo que o Catolicismo passou a ter, entre nós, muito mais concorrência, corroborada pela liberdade religiosa. Aliás por ele própria defendida, e não apenas pelo Estado. Em muitos meios da nossa Diocese, desapareceu o regime de cristandade. A Igreja (sobre)vive cada vez mais em diáspora.

Mas, a maior concorrência nem é tanto a de outras religiões ou seitas, que partem — ou aparentam partir — da existência de um Deus transcendente e promovem o seu culto. Tudo indica que a percentagem dos que, entre nós, ainda se consideram católicos continua bem acima dos noventa por cento.

Mais aliciantes e perigosas são as «religiões» que criam novos «deuses», aqueles que, conforme o Salmo (115/113b, 4), *são obras das mãos do homem* ou, pelo menos, deveriam estar ao serviço dele e não o inverso. São, sobretudo, o poder, o dinheiro, o desporto, a arte, a moda, as novas tecnologias, as redes sociais, o trabalho, o lazer... Em si, bens necessários para uma vida digna e saudável, mas que, sendo absolutizados e idolatrados, causam desequilíbrios que podem ser fatais para a vida humana, individual e social.

Na Exortação Apostólica *A Alegria do Evangelho*, O Papa Francisco apresenta-os depois de louvar «os sucessos que contribuem para o bem-estar das pessoas, por exemplo no âmbito da saúde, da educação e da comunicação»<sup>7</sup>. De seguida, acrescenta: «Todavia não podemos

---

7. FRANCISCO — *A Alegria do Evangelho*, n. 52.

esquecer que a maior parte dos homens e mulheres do nosso tempo vive o seu dia a dia precariamente, com funestas consequências. Aumentam algumas doenças. O medo e o desespero apoderam-se do coração de inúmeras pessoas, mesmo nos chamados países ricos. (...) Crescem a falta de respeito e a violência, a desigualdade social torna-se cada vez mais patente. É preciso lutar para viver e muitas vezes viver com pouca dignidade»<sup>8</sup>.

**07** Por ordem de influência, o Papa aponta as seguintes causas<sup>9</sup>:

- Sócio-económicas: a «ambição do ter e do poder», a «idolatria do dinheiro» e a «exacerbação do consumo». Daí nasce uma «economia de exclusão», a redução do «ser humano a um bem de consumo» e a «corrupção profundamente radicada em muitos países — nos seus governos, empresários e instituições — seja qual for a ideologia política dos seus governantes».
- Culturais: a prioridade àquilo «que é exterior, imediato, visível, rápido, superficial, provisório. O real cede o lugar à aparência»; a sua globalização leva a «uma acelerada deterioração das raízes culturais» de cada etnia e a «um vazio» aproveitado por «novos movimentos religiosos, alguns tendentes ao fundamentalismo e outros que parecem propor uma espiritualidade sem Deus».
- Relativas à família: o individualismo, o materialismo e o consumismo reinantes agravam «a fragilidade dos vínculos» entre os membros de uma família, «célula básica da sociedade», sobretudo quando o matrimónio já é «visto como mera forma de gratificação afectiva, que se pode constituir de qualquer maneira e modificar-se de acordo com a sensibilidade de cada um».

---

8. *Ibidem*.

9. *Ibidem*, ns. 53-75. Recomenda-se vivamente a leitura do texto integral do Papa.

- Religiosas: «o processo de secularização tende a reduzir a fé e a Igreja ao âmbito privado e íntimo»; «com a negação de toda a transcendência, produziu-se uma crescente deformação ética, um enfraquecimento do sentido de pecado pessoal e social e um aumento progressivo do relativismo, e tudo isso provoca uma desorientação generalizada, especialmente na fase tão vulnerável da adolescência e juventude».
- Eclesiais: «se uma parte do nosso povo baptizado não sente a sua pertença à Igreja, isso deve-se também à existência de estruturas com clima pouco acolhedor em algumas das nossas paróquias e comunidades, ou à atitude burocrática com que se dá resposta aos problemas, simples e complexos, da vida dos nossos povos. Em muitas partes, predomina o aspecto administrativo sobre o pastoral, bem como uma sacramentalização sem outras formas de evangelização».

Seria interessante analisar, com a exactidão possível, em que medida cada um destes factores está a contribuir para a situação da Diocese atrás delineada. Tarefa difícil. Seria sempre insuficiente, no mínimo. Contudo, mais importante é, sob a perspectiva de uma visão positiva e de construção cristã do futuro, aquilo que todos esses dados e factores mostram: a urgente necessidade de evangelização. Até porque, com tudo o que de negativo têm ou provocam, apresentam também aspectos que podem facilitar essa evangelização. Uma oportunidade, portanto, a não perder. Aliás, não é por acaso que o próprio Papa lhes chama, como título comum a todos eles, «desafios do mundo actual»<sup>10</sup>.

---

10. *Ibidem*, n. 52.

## OPORTUNIDADES PARA A EVANGELIZAÇÃO

**08** Antes de mais, tudo aquilo que os denominados cristãos «não-praticantes» — os que não participam regularmente em actividades culturais da Igreja — ainda fazem como expressão mais ou menos convicta da sua religiosidade. A eles se podem aplicar as imagens bíblicas da *cana fendida* e da *torcida que ainda fumeja*, que Jesus não *quebrou* nem *apagou*, como o Servo do Senhor (Is 42, 3). Quem são eles?

- São os pais que ainda pedem os sacramentos da Iniciação Cristã para os filhos e inscrevem-nos na catequese (e na disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica). Talvez o façam por mera tradição ou pela dimensão social das festas conclusivas ao longo do percurso catequético. Mas, há também quem, nisto, se preocupe com o futuro dos filhos, com a sua educação pelo menos nos valores humanos —, sabendo que a Igreja os transmite.
- São os noivos que ainda casam pela Igreja. É possível que o façam pelo espectáculo, que muitos retardam ou rejeitam, «por ser muito caro». Mas quem nos diz que, por detrás disso, não há também motivos, mais ou menos (in)conscientes, que têm a ver com o irrecusável desejo de uma felicidade duradoira, para eles e para os filhos?
- São os que, na doença, pedem a Unção dos Enfermos e, na morte, um funeral cristão. É provável que, para muitos, a Unção dos Enfermos ainda seja entendida como temível «Extrema-Unção». Quando pedem o sacramento e um funeral cristão, fazem-no por respeito e medo perante o mistério da vida e da morte? Mas, é exactamente a isso que o Evangelho, em última análise, pretende responder.

- São os muitos que não perdem festa ou romaria. Porventura por uma questão de tradição, cultura e diversão, o que já é positivo. No entanto, muitos fazem-no também por necessidade, para apresentar pedidos e cumprir votos e promessas. Com que sacrifícios, por vezes, como os de abstinência e de longas e duras caminhadas!

**09** É particularmente aí que têm lugar muitas das expressões da piedade popular, tão arreigada entre nós e a que o Papa Francisco se refere como sendo «o melhor ponto de partida» para a cura e a libertação das fragilidades das culturas populares, tais como «o machismo, o alcoolismo, a violência doméstica, uma escassa participação na Eucaristia, crenças fatalistas ou supersticiosas que levam a recorrer à bruxaria, etc.»<sup>11</sup>. Por outras palavras, «na piedade popular, pode-se captar a modalidade em que a fé recebida se encarnou numa cultura e continua a transmitir-se»<sup>12</sup>.

São afirmações que o Papa corrobora com outras de antecessores seus — nomeadamente, do Beato Paulo VI, para quem a piedade popular «traduz em si uma certa sede de Deus, que somente os pobres e os simples podem experimentar», e «torna as pessoas capazes para terem rasgos de generosidade e predispõe-nas para sacrifícios até ao heroísmo, quando se trata de manifestar a fé»<sup>13</sup>; assim como de Bento XVI, que classifica a piedade popular como «um precioso tesouro da Igreja Católica»<sup>14</sup>.

Em suma, devido à «força activamente evangelizadora» da piedade popular — como salienta o Papa —, «somos convidados a encorajá-la e fortalecê-la para aprofundar o processo de inculturação, que é uma realidade nunca acabada». As suas expressões «têm muito que nos ensinar e, para quem as sabe ler, são um *lugar teológico* a que

---

11. *Ibidem*, n. 69.

12. *Ibidem*.

13. PAULO VI — *Anunciar o Evangelho (Evangelii Nuntiandi)*, n. 48; cf. FRANCISCO — *A Alegria do Evangelho*, n. 123

14. BENTO XVI — *Discurso na Sessão Inaugural da V Conferência Inaugural do Episcopado Latino-americano e do Caribe (13.05.2007)*; cf. FRANCISCO — *A Alegria do Evangelho*, n. 123.

devemos prestar atenção particularmente na hora de pensar a nova evangelização»<sup>15</sup>.

No mesmo sentido foi direcionada a proposta do Sínodo Diocesano, em 2006, há mais de doze anos a esta parte, quando recomendava então que «se valorizem os elementos provenientes da religiosidade popular, tendo em consideração a presença de pessoas, eventualmente menos praticantes, por ocasião da celebração dos sacramentos e das festas locais, para uma formação a participar nas celebrações da comunidade paroquial»<sup>16</sup>. A proposta foi formulada, mas, na verdade, os resultados retardam. Por falta de uma verdadeira evangelização?

**10** Além disso, há, nos tempos actuais, muitos outros «sinais da sede de Deus, do sentido último da vida, ainda que muitas vezes expressa implícita e negativamente»<sup>17</sup>. Um dos mais notados entre nós é o crescente número de peregrinos que rumam a pé em direcção a Santiago de Compostela.

É gente de diferentes nacionalidades, idades e condições, que, dias e dias, troca os meios rápidos e cómodos de deslocação pelo mais primitivo e duro e reduz os haveres necessários aos poucos quilos que transporta às costas; por vezes, sem saber se ao fim do dia encontra condições mínimas para descanso.

Que, apesar de tudo isso ou talvez por isso, a experiência parece ser compensadora, a necessidade que muitos peregrinos sentem de a repetir, até periodicamente, dá a resposta. O que é compreensível, porque a maioria vive a peregrinação como uma ocasião única para se encontrar consigo próprio, com os outros, com a natureza... e com Deus — realidades imprescindíveis para uma vida verdadeiramente humana —, ainda que disso não tenha consciência, sobretudo se exclui motivações religiosas. Por esta via, ausenta-se de uma socie-

15. FRANCISCO — *A Alegria do Evangelho*, n. 126.

16. *Propostas Sinodais*, p. 61; cf. PEDREIRA, José Augusto — *Exortação Pastoral Pós-Sinodal*, n. 23.

17. BENTO XVI — *Homilia durante a Santa Missa de abertura do Ano da Fé* (11 de Outubro de 2012), cf. FRANCISCO — *A Alegria do Evangelho*, n. 86.

dade, como a nossa, dominada pelo individualismo, materialismo e consumismo saturante e alienante.

Outros sinais, menos notórios na sua expansão, mas, no fundo, com a mesma origem, são-nos revelados, entre nós, na satisfação sentida por adolescentes e jovens depois de terem participado em iniciativas especificamente espirituais, como retiros, jornadas mundiais da juventude, peregrinações a *Taizé* e posteriores tempos de oração nelas inspiradas; no agrado de casais inseridos em movimentos de espiritualidade conjugal, pelo bem que recebem para os próprios e para os filhos; na adesão de pais à catequese familiar, ao ponto de a procurarem em comunidades fora da sua residência; na contagiante alegria de homens e mulheres, rapazes e raparigas, na conclusão de cursos de cristandade ou de convívios fraternos.

**II** Em sintonia com o Papa Francisco, é verdade que estas e outras formas do «regresso ao sagrado» e da «busca espiritual, que caracterizam a nossa época, são fenómenos ambíguos». Podem não passar de «uma forma de consumismo espiritual à medida do próprio individualismo doentio» que satisfaz mas não compromete, nem transforma o modo de viver. Assim sendo, é um perigo de que nem a Igreja está livre. Por isso, «o desafio que hoje se nos apresenta é responder adequadamente à sede de Deus de muitas pessoas, para que não tenham de ir apagá-la com respostas alienantes ou com um Jesus Cristo desencarnado e sem compromisso com o outro. Se não encontram na Igreja uma espiritualidade que as cure, liberte, encha de vida e de paz, ao mesmo tempo que as chame à comunhão solidária e à fecundidade missionária, acabarão enganadas por propostas que não humanizam nem dão glória a Deus»<sup>18</sup>. Em poucas palavras: precisam de uma verdadeira evangelização.

---

18. FRANCISCO — *A Alegria do Evangelho*, n. 89.

## A EXEMPLO DE SÃO TEOTÓNIO

**12** Há muito que é o padroeiro secundário da nossa Diocese, em razão de ter nascido, em 1082, em Ganfei, nas proximidades de Valença. Sob ao cuidado de seu tio, D. Crescónio, Bispo de Coimbra, fez nesta cidade parte da sua formação teológica, que continuou, após a morte do tio, em Viseu, até ser ordenado presbítero e nomeado prior da Sé viseense.

Aliado do jovem infante D. Afonso Henriques na luta contra D. Teresa ainda antes da independência do Reino de Portugal, seria mais tarde seu conselheiro, quando aquele se tornou o primeiro rei português. A santidade e actividade evangelizadora de S. Teotónio revelaram-se enquanto fundador e primeiro prior do mosteiro de Santa Cruz, em Coimbra, criado, com o apoio do rei, fundamentalmente para irradiar a fé cristã em terras ainda sob a influência muçulmana.

Orientou para isso a sua comunidade de Cónegos Regrantes de S. Agostinho, sob dois princípios: o seguimento de Cristo Crucificado – nele firmado, principalmente, na segunda das duas peregrinações que fez a Jerusalém – e a imitação da Virgem Maria, na sua humildade, pobreza e total entrega à vontade de Deus.

Quer, em Viseu, na cultura e espiritualidade que incutia nos outros clérigos, quer, em Coimbra, como prior do mosteiro<sup>19</sup>, no trato com os confrades e todo o povo, distribuindo, por exemplo, os seus bens pelos pobres e conseguindo que o rei libertasse muitos prisioneiros moçárabes, que depois socorria no seu mosteiro, S. Teotónio anunciava sempre o ilimitado amor de Deus, manifestado em Cristo e na Virgem Santa Maria, vivendo-o.

É uma das chaves para a eficácia da evangelização, oferecida também pelos Beatos Bartolomeu dos Mártires e Paulo VI, que será canonizado a 14 de Outubro próximo, enquanto o primeiro será, muito provavelmente no decurso do próximo ano. Deles nos temos socorrido e continuamos a socorrer, agora para a tarefa da evangelização.

---

19. Uma das muitas singelas manifestações da grande humildade de S. Teotónio foi a recusa do título de «abade», com mais poderes e prestígio do que «prior».

## EM SINTONIA COM O «ANO MISSIONÁRIO»

**13** Trata-se de uma decisão da Conferência Episcopal Portuguesa, publicada em nota pastoral<sup>20</sup>: que seja celebrado um «Ano Missionário» em todas as Dioceses, entre Outubro de 2018 e Outubro de 2019, em apoio ao «Mês Missionário Extraordinário», proposto pelo Papa Francisco a toda a Igreja para Outubro de 2019, a propósito do centenário da Carta Apostólica *Maximum Illud* do Papa Bento XV, de 30.11.1919, um documento marcante para a consciência e actividade missionária da Igreja<sup>21</sup>.

É uma providencial e proveitosa coincidência que a iniciativa decorra praticamente em todo o ano pastoral que a nossa Diocese dedica à missão evangelizadora. Por um lado, reforça a nossa decisão, sabendo-nos em sintonia com toda a Igreja no nosso País, numa época da mobilidade e globalização, como a actual. Por outro, ajuda-nos a assimilar mais facilmente as quatro dimensões definidas pelo Papa para o Mês Missionário Extraordinário e assumidas pelos Bispos para o ano que o antecede<sup>22</sup>:

- 1.<sup>a</sup> — Encontro pessoal com Jesus Cristo vivo na sua Igreja: Eucaristia, Palavra de Deus, oração pessoal e comunitária;
- 2.<sup>a</sup> — Testemunho: os santos, os mártires da missão e os confessores da fé, que são expressão das Igrejas espalhadas pelo mundo;
- 3.<sup>a</sup> — Formação: bíblica, catequética, espiritual e teológica sobre a missão;
- 4.<sup>a</sup> — Caridade missionária: ajuda material para o imenso trabalho da evangelização e da formação cristã nas Igrejas mais necessitadas.

---

20. Cf. CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA — *Todos, Tudo e Sempre em Missão*, in «Lumen», III, 79 (2018, 3), pp. 78–80.

21. Cf. FRANCISCO — *Carta por ocasião do centenário da promulgação da Carta Apostólica «Maximum Illud»* (22 de Outubro de 2017).

22. CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA — *Todos, Tudo e Sempre em Missão*, p. 79.

Procuraremos, na medida do possível, tê-las em conta já nas páginas seguintes.

## SOB A ORIENTAÇÃO DO EVANGELISTA SÃO LUCAS

**14** É mais outra proveitosa coincidência: escutarmos os textos do Evangelho segundo S. Lucas, na maioria das eucaristias dominicais, de solenidades e de algumas festas, durante quase todo o ano pastoral subordinado ao tema *Somos Igreja que Evangeliza*<sup>23</sup>.

Entre os quatro Evangelhos, o de Lucas é o mais missionário ou evangelizador. Sobretudo, porque é o único seguido e completado por um segundo volume — o livro dos Actos dos Apóstolos —, que se relaciona com o Evangelho na medida em que naquele estão incluídos todos os elementos da evangelização, a saber:

- O conteúdo: Jesus, o Cristo Salvador e Senhor<sup>24</sup>, enviado por Deus, que assim se manifesta durante a vida pública, com o auge na morte e ressurreição. É nessa condição que Ele é exposto no primeiro volume, que termina em Jerusalém, e depois anunciado no segundo, a partir de Jerusalém. Isto é, no livro dos Actos dos Apóstolos é difundida a *Palavra* acerca de *todas as coisas que Jesus começou a fazer e a ensinar, desde o princípio até ao dia em que (...) foi elevado ao Céu* (Act 1, 1-2). Nessa *Palavra* encontramos Jesus Cristo, vitorioso sobre a morte, vencendo os sucessivos obstáculos que, de algum modo, impedem que a expansão da salvação<sup>25</sup>.

23. No ciclo litúrgico trienal, os três primeiros Evangelhos, conhecidos por «Sinópticos», estão assim distribuídos: Mt – Ano A, Mc – Ano B e Lc – Ano C.

24. É esta a boa nova do Anjo aos pastores, após o seu nascimento (cf. Lc 2, 11). De resto, todo o «Evangelho da Infância» (Lc 1-2) é uma síntese narrativa da identidade messiânica de Jesus, depois desenvolvida no resto do livro.

25. Daí que a *Palavra* — em grego *logos* — que o anuncia seja vista como protagonista da acção descrita pelos Actos, tal o seu poder e energia: como uma pessoa, *divulga-se* (6, 7; 13, 49), *crece e multiplica-se* (12, 24), *desenvolve-se e fortalece-se* (19, 20); *é ouvida* (4, 4; 10, 44; 13, 44; 19, 10), *anunciada* (4, 31; 8, 25; 14, 25; 16, 6), *servida* (6, 4), *recebida e acolhida* (8, 14; 11, 1), *glorificada* (13, 48); *tudo isto por ser Palavra de Deus* (4, 31...), *do Senhor* (8, 25...), *do Evangelho* (8, 4; 15, 7), *da salvação* (13, 26), *da graça* (14, 3; 20, 32).

- Os mediadores: os Doze Apóstolos, isto é, os que, segundo S. Pedro, *estiveram conosco, durante todo o tempo que o Senhor Jesus viveu no meio de nós, desde o Baptismo de João até ao dia em que foi elevado ao céu* (Act 1, 21–22)<sup>26</sup>. São eles que o evangelista apresenta como *testemunhas oculares e servidores da palavra* (Lc 1, 2): «testemunhas» formadas, especialmente, no primeiro volume, e «servidores» em acção, particularmente no segundo. Porque representam, enquanto Doze, todo o Povo de Deus — como as 12 tribos de Israel —, a eles irão juntar-se, no decurso dos Actos, muitos outros servidores da *Palavra*, como Estêvão e Filipe, Paulo e Barnabé, Marcos e Tiago, familiar de Jesus, Silas e Timóteo<sup>27</sup>. Todos eles como testemunhas, directas ou indirectas, do Ressuscitado. Tal como Jesus recebera a força do Espírito Santo para desenvolver a sua actividade messiânica, também eles a receberam como motor da sua acção evangelizadora<sup>28</sup>.
- Os destinatários: *todos os povos, começando por Jerusalém e alargando-se a toda a Judeia, à Samaria e até aos confins da terra*, conforme indicação do Ressuscitado (Lc 24, 47 e Act 1, 8). É esse o percurso seguido nos Actos: fundada a comunidade cristã de Jerusalém, o Evangelho avança primeiro pela Samaria e depois por povoações de gentios, na Ásia Menor e na Europa, até chegar a Roma<sup>29</sup>. Inicialmente, é anunciado apenas a judeus; depois, também a gentios, começando por «tementes a Deus» — assim chamados por aderirem à fé judaica, mas sem a circuncisão<sup>30</sup>. Na raiz desta universalidade está o próprio Jesus, que, durante a sua vida terrena, entrara em território pagão e acolhera não

26. Palavras ditas antes da eleição do substituto de Judas Iscariotes, que, depois de entregar Jesus, se suicidara (cf. Act 1, 18).

27. Cf. Act 6, 8ss; 9, 1ss; 15, 13–39; 15, 40ss.

28. Cf. Act 2, 1–4; 4, 41; 10, 45 e Lc 3, 22; 4, 1.14.18.

29. Cf. Act 2, 1ss; 8, 4ss; 13, 1ss; 16, 11ss; 27, 1ss.

30. Começou pelo eunuco etíope e pelo centurião Cornélio, evangelizados, respectivamente, por Filipe e Pedro (cf. Act 8, 26ss; 10, 1ss), e depois foi continuada a evangelização de modo sistemático a partir da comunidade cristã de Antioquia da Síria (11, 1ss), donde se expandiu à escala universal, sobretudo com Paulo e Barnabé (cf. 13, 1ss).

judeus, enaltecendo a fé e a prática de vida de alguns deles<sup>31</sup>. Inclusivamente, o seu nascimento e o início da sua actividade messiânica são inseridos na história romana de então<sup>32</sup>. Mas, é fundamentalmente na sua morte e ressurreição que, segundo o plano de Deus, mais radica a proclamação da *conversão, para o perdão dos pecados, em todos os povos ou até aos confins da terra* (Lc 24, 47; Act 1, 18)<sup>33</sup>.

Os mesmos temas serão desenvolvidos nos três capítulos seguintes, a pensar nos nossos dias e na nossa Diocese, à luz da mensagem dos dois livros de S. Lucas.

---

31. Cf. Gerasa (Lc 8, 26ss), Samaria (9, 52-56), as curas de gente de Tiro e Sídon (6, 17), a do servo de um centurião, cuja fé é enaltecida (7, 1-10), a apresentação dos samaritanos como modelos de misericórdia e de gratidão (10, 30-37 e 17, 11-29), a confissão de fé do centurião junto à cruz (23, 47).

32. Cf. o nascimento e início da vida pública de Jesus no tempo de César Augusto e de Tibério César (2, 1; 3, 1s) e ainda o cântico de Simeão que vê em Jesus a *salvação para todos os povos e a luz para se revelar aos pagãos* (2, 30-32).

33. Confins esses que não ficavam então em Roma, onde termina o relato do livro dos Actos dos Apóstolos, que, por isso, é visto como inacabado. Por outras palavras, continua a ser «escrito» pela Igreja, na sua missão de anunciar o Evangelho às pessoas de todos os tempos e lugares, por mandato de Jesus e segundo o modelo das primeiras testemunhas.



## CONTEÚDO DO EVANGELHO

---

«VEDE AS MINHAS MÃOS E OS MEUS PÉS: SOU EU»

**15** O convite, em título, é feito por Jesus ressuscitado aos onze Apóstolos, entre outros discípulos presentes, na aparição com que S. Lucas conclui o Evangelho — Lc 24, 36-53. Trata-se de uma aparição charneira no conjunto da sua obra. Primeiro, porque é retomada, nos seus elementos essenciais, no início dos Actos dos Apóstolos (Act 1, 4-11), realçando assim a continuidade entre os dois livros. Em segundo lugar, porque é nela que Jesus, depois de se identificar e antes de subir ao céu, envia os discípulos como suas testemunhas, dando assim início à Igreja, em que continua a actuar.

É um convite reforçado. Às palavras citadas, Jesus acrescenta: *Tocai-me e vede, porque um espírito não tem carne nem ossos, como constatais que eu tenho*. De facto, — ainda eles estavam a falar das anteriores aparições aos discípulos de Emaús e a Pedro —, Jesus surge, novamente, de modo tão inesperado que, *assustados e atemorizados, julgavam estar a olhar para um espírito*. Entre dúvidas e admiração, mas agora por alegria, Jesus chega ao ponto de comer *diante deles um pedaço de peixe assado*. Ou seja, a sua primeira intenção é provar aos discípulos a sua identidade — *sou eu* — e, sobretudo, a sua realidade corpórea. Senão, como poderiam ser eles testemunhas de algo que não sucedera e de alguém que não passava de um fantasma?

16. Mas, se daí se conclui que a «ressurreição de Cristo é um acontecimento real, com manifestações historicamente verificadas», é igualmente inegável a sua transcendência, que está mesmo «no próprio centro do mistério da fé». Por isso o Ressuscitado não se manifestou ao mundo, «mas aos discípulos, *aos que com Ele tinham subido da Galileia a Jerusalém e que são agora testemunhas de Jesus junto do povo (Act 13, 31)*». Mais, se há aparições, em que Ele é humanamente irreconhecível, é «precisamente para lhes despertar a fé»<sup>34</sup>.

É o caso da que estamos a analisar. Há nela aspectos que só em contexto de fé fazem pleno sentido<sup>35</sup>:

- A saudação inicial: «*A paz esteja convosco!*» — Vinda do Ressuscitado, mais do que a simples e usual saudação entre judeus, é transmissora daquela paz que radica no amor ilimitado manifestado na sua morte<sup>36</sup>.
- O coração, sede das dúvidas dos discípulos — É dele, como centro vital, que parte a verdadeira fé, na linha da afirmação de S. Paulo: *Se confessares com a tua boca: «Jesus é o Senhor», e acreditares no teu coração que Deus o ressuscitou de entre os mortos, serás salvo (Rm 10, 9)*.
- A refeição diante dos discípulos — Segundo Act 1, 4-8 o Ressuscitado come com eles. Em Jo 21, 9-14, toma o pão e dá-lho, numa alusão à Eucaristia. Ao considerar a importância que S. Lucas dá às refeições como momento privilegiado para Jesus transmitir a sua mensagem, não se pode dissociar esta última

34. *Catecismo da Igreja Católica*, ns. 639, 645 e 647; cf., nesse sentido, Lc 24, 13-34: os olhos dos discípulos de Emaús estiveram, durante a longa caminhada com Jesus a seu lado, impedidos de o reconhecer; Jo 20, 11-18: Maria Madalena confunde-o com o jardineiro.

35. Alguns são comuns a Jo 20, 19-29, que culmina com a confissão de fé de Tomé, e 21, 1-13, com um final eucarístico. É bem possível que os textos de Lc e de Jo provenham de uma tradição comum.

36. Cf. Jo 20, 19.21.28: com a mesma saudação, mas em cumprimento, pela morte e ressurreição, da promessa feita aos discípulos na última Ceia, a de uma paz diferente daquela que o mundo dá (14, 27).

dessa função, ainda que aqui Jesus coma, não com os discípulos, mas diante deles<sup>37</sup>.

Neste contexto, também o convite a ver as mãos e os pés de Jesus e a tocar-lhes não pode servir apenas para o identificar na sua realidade física. Caso contrário, — poderia perguntar-se — porque não o rosto, sendo, na verdade, bem mais fácil de reconhecer? Além disso, as mãos e os pés são associados — e bem! — às chagas causadas pelos cravos, como as mãos e o lado em Jo 20, 19-29. Aqui, a finalidade é clara: levar a confiar-se pela fé Àquele que na morte deu a vida por nós, até à última gota de sangue e água, Aquele diante do qual, nesse sentido, Tomé confessou: «*Meu Senhor e meu Deus!*» (Jo 20, 28).

Assim sendo, é também a nós, hoje, que Jesus diz: *Vede as minhas mãos e os meus pés*. Neles contemplamos não só os sinais dos cravos, mas também tudo o que Ele fez por nós, na sua caminhada até à cruz e à ressurreição, e que S. Lucas descreve no seu Evangelho. Acompanhem-lo nessa caminhada.

## PÉS DE QUEM SAI AO SERVIÇO DO EVANGELHO

**17** Começemos pela sinagoga de Nazaré — Lc 4, 14-30. É para aí que Jesus, baptizado por João Baptista e testado pelo Diabo (3, 21-22; 4, 1-13), se desloca, movido pelo Espírito, para, numa celebração de sábado, nos apresentar o seu programa de Messias salvador. Nesse sentido, serve-se de uma passagem do livro do Profeta Isaías, que Ele próprio, primeiramente, proclama:

*O Espírito do Senhor está sobre mim,  
porque me ungiu para anunciar a boa nova aos pobres,*

---

37. Embora seja presumível que os discípulos estavam a comer. De facto, só assim teriam à mão o peixe, já assado, que deram a Jesus. Sobre a participação de Jesus em refeições, cf. Lc 5, 27-32; 7, 34.36-50; 13, 26; 14, 1-24; 15, 2; 22, 14-38. Mais incerto é o significado do peixe: seria já, quando Lc redigiu a sua obra, o criptograma de Jesus usado entre os cristãos em tempos de perseguição?

*me enviou a proclamar a libertação aos prisioneiros  
e a recuperação da vista aos cegos,  
a mandar em liberdade os oprimidos,  
a proclamar um ano favorável do Senhor*<sup>38</sup>.

Fechado e entregue o livro, perante a curiosidade de todos os presentes, Jesus limita-se então a comentar: *Hoje, cumpriu-se esta escritura aos vossos ouvidos*. A ênfase está no «hoje» inicial. Nele se inclui, não só o «hoje» da proclamação — *aos vossos ouvidos* —, mas também todos os «hojes» em que, como Ungido (ou Messias) e com a força do Espírito, realiza o programa assumido, proclamando a boa nova — «evangelho», se transliterado do grego — e um ano favorável do Senhor (ano jubilar). Será o «hoje» dos pobres, que o vão escutar, dos prisioneiros e dos oprimidos, que vai libertar, e dos cegos, a quem abrirá os olhos, nas páginas que se seguem... Do mesmo modo que serão os «hojes» dos leitores ou ouvintes, que, nelas, pela fé, com Ele se encontram e por Ele, já ressuscitado, são salvos de tantas pobreza e prisões, cegueiras e opressões, incluindo as do pecado e da morte, até aos nossos dias.

## A PERCORRER A GALILEIA

**18** Rejeitado, entretanto, pelos presentes na sinagoga, *passando pelo meio deles, seguiu em frente* (4, 30). Segundo S. Lucas, não mais regressou a Nazaré. Mantém-se, porém, durante a primeira parte do seu ministério na Galileia — Lc 4,14-9,50. Mas, em permanente e incansável movimento:

- Vemo-lo tanto na sinagoga de Cafarnaum, onde purifica um possesso do demónio, como na casa de Pedro, onde liberta a sogra da febre (4, 31-39); tanto na cidade e ao pôr-do-sol, a

---

38. Lc 4,18-19, com uma combinação de parte dos textos de Is 61, 1-2a e 42,7.

curar enfermos, como de madrugada no deserto, donde parte, cumprindo o desígnio de Deus, para anunciar *a boa nova também nas outras cidades* (4, 40-43)<sup>39</sup>.

- Vemo-lo, depois, *junto ao lago de Genesaré com Simão Pedro e os filhos de Zebedeu, Tiago e João*, que, fascinados com a pesca milagrosa por Ele desencadeada, *deixaram tudo e seguiram-no*, para se tornarem pescadores de homens; como o vemos, de seguida, *numa das cidades*, a purificar um *leproso* e a ter de se afastar *para os desertos*, tal a sua fama e a pressão das multidões que o procuravam (5, 1-15).
- Vemo-lo ainda, no seguimento de várias polémicas com doutores da Lei e fariseus (5,17-6,11), a subir ao *monte* e, depois de chamar *a si os seus discípulos*, a escolher *doze de entre eles, aos quais também chamou apóstolos*; assim como o vemos, de imediato, a descer *com eles para um lugar plano*, onde os esperam multidões, provenientes de todos os lugares e desejosas de *escutar e serem saradas das suas doenças* (6, 12-19).
- E Ele assim faz: começa por anunciar a boa nova aos *pobres*, declarando-os *felizes, porque vosso é o reino de Deus*, um reino construído sobre o amor e a misericórdia ilimitada de Deus, um reino que dá, a quem o aceita, a segurança da casa edificada sobre a rocha (6, 20-49). Depois, tanto entra em Cafarnaum, onde cura o servo de um centurião, como em Naim, onde ressuscita um jovem defunto, *filho único de sua mãe* (7, 1-17). Prova-nos, assim, como a João Baptista, que é Ele realmente o Messias (ou Cristo) esperado (7, 18-35).

---

39. No acrescento de Lc 4, 44 — *E andava a proclamar pelas sinagogas da Judeia* — trata-se, provavelmente, não da região da Judeia, mas da terra dos judeus, que habitavam também na Galileia. O desígnio ou plano de Deus é expresso pelo verbo grego *dei* — ou *edei*, no imperfeito — que é traduzido habitualmente por «deve»/«devo» ou «é»/«era necessário» e aparece, com esse sentido, aqui e ainda em 2, 49; 9, 22; 11, 42; 12, 12; 13, 16.33; 15, 32; 17, 25; 19, 5; 21, 9; 22, 7.27; 24, 7.26.44.

- Vemo-lo, depois, numa refeição em casa de um fariseu, com uma pecadora a chorar, a banhar-lhe os pés com lágrimas, a enxugá-los com os cabelos, a cobri-los de beijos e a ungi-los com bálsamo, tal o seu amor, que nasce e vive do perdão (7, 36-50). São os mesmos pés com que, logo *de seguida*, *percorria cada cidade e povoação a proclamar e anunciar a boa nova do reino de Deus, com os Doze e algumas mulheres (...) que os serviam com os seus bens* (8, 1-3).
- Vemo-lo — após ter falado *dos mistérios do reino* em parábolas e apresentado a sua nova família (8, 4-21) — a atravessar o lago, fustigado por forte tempestade, em direcção a uma terra pagã, onde liberta um possesso de demónios extremamente violentos (8, 22-39); como o vemos, de regresso, a curar uma mulher que sofria de fluxo de sangue e a restituir a vida a uma menina defunta (8, 40-56).
- Vemo-lo ainda — após ter enviado os Doze em missão (9, 1-9) — tanto na cidade de Betsaida a alimentar cinco mil homens, com cinco pães e dois peixes (9, 10-17); como o vemos a sós e em oração, antes de interrogar os discípulos sobre a sua identidade e lhes dizer, pela primeira vez, que só na morte e ressurreição se manifestaria, de vez, como Messias e que se dispusessem a segui-lo, tomando também eles a sua cruz (9, 18-27).
- Vemo-lo, enfim, a subir, com Pedro, Tiago e João, ao monte, para aí, depois de rezar, se transfigurar diante deles (9, 28-36); como o vemos, depois de descer, a curar um jovem epiléptico (9, 37-43a) e a dizer, pela segunda vez, aos discípulos que, como Messias, iria ser *entregue nas mãos dos homens*, mostrando-lhes as implicações que tal entrega tinha no exercício do poder e no grau de autoridade entre eles (9, 23-50).

## A CAMINHO DE JERUSALÉM

**19** Se, na primeira parte do seu ministério, Jesus á apresentado a andar de um lado para o outro, o mesmo não acontece na segunda — Lc 9,51-19,28 — onde toma uma direcção única: Jerusalém.

S. Lucas diz que foi uma *firme decisão*, explica o porquê — estavam *a completar-se os dias da sua elevação*, na cruz e na glória (9, 51) — e recorda pontualmente o rumo traçado de uma longa caminhada: em Lc 13, 12 refere-se que Jesus *atravessava cidades e povoações, prosseguindo viagem para Jerusalém*; em 17, 11, que *passava entre a Samaria e a Galileia*, também *quando caminhavam para Jerusalém*.

O evangelista divide assim a caminhada em três etapas: 9,51-13,21; 13,22-17,10; 17,11-19,27. Em todas elas, Jesus dedica-se predominantemente ao ensino. Saliente-se, contudo, um pormenor: há temas que são retomados nas sucessivas etapas, o que pode entender-se como um modo de mostrar a sua importância. Senão, vejamos:

- Por quatro vezes somos situados em contexto de refeição, imagem tradicional do reino de Deus. Em todas elas, Jesus entra em polémica com fariseus e doutores da Lei por romper com normas ou hábitos por eles impostos: em Lc 11, 37-41 põe em causa a habitual purificação ritual antes das refeições; em 14, 1-24 rompe com a proibição de curar ao sábado e critica a busca dos primeiros lugares entre os convidados e aos convites apenas a quem possa retribuir, terminando com a parábola em que, perante a ausência dos convidados previstos, a sala do banquete é ocupada por *pobres e aleijados, cegos e coxos e*, havendo lugar para mais, por todos os que fossem encontrados *pelos caminhos e veredas*; em 15, 1-31 responde à acusação de acolher pecadores e comer com eles com três parábolas sobre a alegria pelo encontro do que se perde, a última das quais culmina num banquete organizado por um pai em honra do filho mais novo, que, no seu dizer, *estava morto e voltou à vida, perdido e foi encontrado*; finalmente, em 19, 1-10 deixa-se hospedar pelo

publicano Zaqueu, um *pecador*, que por isso se converte radicalmente e leva Jesus a exclamar: *Hoje, chegou a salvação a esta casa; pois também este é filho de Abraão* — acrescentando: *É que o Filho do homem veio para procurar e salvar o que está perdido*.

- Para alargar esta abertura aos samaritanos, a estes se alude por três vezes: logo no início da caminhada, em 9, 52-55, Jesus profete que sejam castigados, por não o receberem; na parábola de 10, 30-35 escolhe, como modelo de amor ao próximo, um samaritano, o único a socorrer um homem — e de que maneira! —, que, assaltado, ficara meio morto; por fim, em 17, 11-19, é um samaritano e único estrangeiro dos nove leprosos curados por Jesus que volta para lhe agradecer e *dar glória a Deus*.
- Por três vezes são expostas as condições para seguirmos Jesus e sermos testemunhas credíveis do reino de Deus: em 9, 57-62, Ele exige a renúncia a tudo o que possa sobrepor-se à causa do reino — o mínimo bem-estar material, os deveres para com a família e ao saudosismo do passado — a que junta, em 14, 25-35, a disponibilidade para menosprezarmos a própria vida e carregarmos com a própria cruz, uma decisão que, por isso, deve ser bem ponderada e preparada; e em 18, 18-30, face à dificuldade sobre-humana que há em não se libertar das riquezas, promete a Pedro e aos outros discípulos que tudo tinham deixado para o seguirem: *Amen vos digo: não há ninguém, que tenha deixado ou casa ou mulher ou irmãos ou pais ou filhos, que não receba muito mais, nesta vida, e, no tempo que há-de vir, a vida eterna*.
- Como se não bastasse, o fascínio idolátrico das riquezas é censurado mais duas vezes: em 12, 13-34 avisa que, na morte, todas se perdem e, por isso, convida ao desprendimento, confiando na providência divina, dando-as em esmola; e em 16, 1-31 exorta a não se trocar Deus pelo dinheiro com a parábola do

rico avarento e do pobre Lázaro, cujos destinos, na morte, são radicalmente invertidos.

- Ciente, por fim, de que um tal desprendimento e seguimento é impossível sem Deus, por duas vezes fala da oração a que Ele próprio se entregava — nomeadamente, nos momentos mais decisivos da instauração do reino de Deus<sup>40</sup>: em 10,38-11,13 ensina o Pai Nosso, a oração do reino, entre, por um lado, o louvor a Maria, irmã de Marta, por escutar a sua palavra, sentada a seus pés, e, por outro, a insistência na oração persistente, na certeza de que *o Pai do céu dará o Espírito Santo àqueles que o pedem*; e em 18, 1-14 conta duas parábolas, a primeira sobre a necessidade de rezar *sempre, sem desanimar*, e a segunda para mostrar que só uma oração feita com humildade nos pode transformar — designadamente, para a prática do bem, a exemplo e sob o impulso d’Ele.

## MÃOS DE QUEM FAZ O BEM

**20** As mãos estão associadas habitualmente à acção. De todos os membros, são os que mais usamos para fazer, fabricar, construir. Operam em lugares, situações e pessoas para as quais os pés nos levam. Tanto para destruir e matar, como para curar e abençoar. Foi este o caso de Jesus, o que era espectável de quem, desde a sua apresentação na sinagoga de Nazaré, se dedicou ao anúncio da boa nova do reino de Deus, como seu Ungido ou Messias e com a força do seu Espírito — nomeadamente pela prática do bem, com as mãos:

---

40. Cf. Lc 3, 21: no baptismo; 5, 16: no deserto; 6, 12: antes de eleição dos Doze; 9, 18: antes da confissão messiânica de Pedro; 9, 28s: antes da transfiguração; 11, 1: antes de ensinar a rezar; 22, 41-44: no Jardim das Oliveiras, antes da sua paixão, morte e ressurreição; 23, 34.46: na cruz, antes de falecer.

- Na verdade, foi a impor as mãos que Ele, em Cafarnaum, curou *cada um dos enfermos de várias doenças* que lhe eram trazidos (Lc 4, 40); e mais tarde, a um sábado e numa sinagoga, *endireitou uma mulher possuída por um espírito impuro* que, *havia dezoito anos*, a deixava *encurvada* (13, 10-12).
- A tocar com a mão num leproso — sob perigo de contágio e, por isso, proibido —, purificou-o da lepra, uma doença relacionada com o pecado e comparada à morte (5, 12-14).
- A agarrar a mão de uma menina acabada de morrer, Ele *levantou-a* e entregou-a viva aos pais (8, 54s).
- Supostamente com a mão, *tocou no caixão* com o jovem defunto, *filho único de uma viúva*, antes de *o entregar vivo a sua mãe* (7, 12-14).
- Certamente pela mão, tomou um hidrópico, durante uma refeição *em casa de um dos chefes dos fariseus* a um sábado, e curou-o (14, 1-6).
- Também com a mão, quando estava a ser preso, *tocou na orelha do servo do sumo-sacerdote*, cortada por um dos seus discípulos, e *curou-o* (22, 49s).
- Era, ainda e provavelmente, com as mãos que Ele *tocava as criancinhas* que para isso lhe eram trazidas — contra a vontade dos discípulos, reféns de uma visão economicista e utilitarista da criança, já então reinante — e acabou por apresentá-las, devido à sua pequenez e dependência, como modelo para se *receber o reino de Deus e nele entrar* (18, 15-17).
- Como terá sido com as mãos que Ele *pegou numa criancinha*, *colocou-a junto de si* e disse aos discípulos, que discutiam *qual*

*deles seria o maior: «Quem acolher esta criança em meu nome, a mim acolhe; e quem me acolher, acolhe Aquele que me enviou. Pois o mais pequeno entre vós, é esse que é grande» (9, 46-48).*

**21** Não restam dúvidas de que as mãos não lhe serviam apenas para agir, mas também para exprimir poder e domínio. No seu caso, ambos sobre-humanos, tão forte a energia que transmitia, sobretudo nas curas e ressurreições.

São, por isso, sinais de que o reino de Deus se manifesta realmente n’Ele. Aliás, é o próprio que o declara, depois de provar o absurdo da acusação de que era *por Belzebu, o chefe dos demónios*, que expulsava os demónios: *Se é pelo dedo de Deus que eu expulso os demónios, então chegou a vós o reino de Deus (11, 15.20)*<sup>41</sup>.

O reino de que fala é, por isso, sem limites de espécie alguma, um reino em que Deus se impõe através do que mais o identifica: amor infinito, em acção, designadamente, na compaixão ilimitada com que Jesus usa as suas mãos.

## IMPULSIONADO PELA COMPAIXÃO DE DEUS

**22** Foi por compaixão para com a mãe do jovem de Naim que Jesus lhe recuperou a vida (Lc 7, 13), uma compaixão em que, segundo o significado do correspondente termo grego, se envolvem as entranhas, indispensáveis para viver.

A mesma compaixão moveu também o samaritano da parábola de Lc 10, 30-35, perante um homem meio morto à beira da estrada, numa reacção oposta à do sacerdote e do levita, que já por lá tinham passado. Enquanto estes, ao vê-lo estendido, passaram ao largo, o samaritano *ficou profundamente compadecido*. Uma compaixão que ele concretizou no que fez, sobretudo com as mãos: *foi ter com ele e ligou-*

---

41. A Deus basta um dos dedos, que é, por sinal, a parte mais activa da mão. Note-se, além disso, que a mesma palavra hebraica *iad* significa «mão» e «poder».

-*lhe as feridas, derramando azeite e vinho (para as desinfetar); e, depois de o colocar sobre a sua montada, levou-o para uma estalagem e cuidou dele. E no dia seguinte, ao sair, deu dois denários ao estalajadeiro e disse: «Cuida dele; e o que gastares a mais, quando voltar, to restituirei».* Tudo isto feito a alguém que, sendo judeu, como o contexto dá a entender, era um inimigo fácil de abater no estado em que se encontrava.

Há quem veja neste samaritano um espelho do que Jesus fazia, também Ele levado por idêntica compaixão, pressuposta na maioria das já citadas intervenções com as mãos. Mas, aqui, no contexto da parábola (Lc 10, 25-37), não parece ser essa a primeira intenção. Na verdade, Jesus responde à pergunta de um perito da Lei: *E quem é o meu próximo?* A pergunta tinha sido desencadeada pela resposta a uma outra: *Mestre, que hei-de fazer para receber em herança a vida eterna?* Eis a questão indubitavelmente vital para qualquer ser humano: que procura cada um de nós, uma vida inteira, senão vencer a morte? A resposta vem do próprio Deus, mas pela boca do perito na Lei, a partir da Escritura: o segredo para uma vida ilimitada está no amor total a Deus e ao próximo. Para que se saiba que próximo é esse, Jesus responde com a parábola... da compaixão.

Trata-se de uma resposta surpreendente e provocatória, em dois sentidos:

- 1.º — Pela inversão final da pergunta inicial. *E quem é o meu próximo?* — perguntava o perito da Lei. Jesus responde, no fim, interpelando-o: *Qual destes três te parece ter sido o próximo daquele que caiu nas mãos dos salteadores?* Ou seja, próximo é, afinal, não o ferido, mas aquele que desce da sua montada e dele *se aproxima*, para lhe fazer o que ele próprio, em idêntico estado, ansiaria que lhe fizessem. Por isso, o verdadeiro amor, aquele em que amamos os outros como a nós mesmos, como manda a Lei, tem de ser, em situações como aquela, de compaixão, tem de provir das entranhas, imprescindíveis para viver.

2.º — Porque o que conta mais no amor não é tanto o sentimento, mas a acção. «Fazer» é a palavra-chave. Aparece na pergunta inicial: *Que hei-de fazer para receber em herança a vida eterna?* Reaparece no centro, depois de o perito citar o amor total a Deus e ao próximo: *Faz isso e viverás*. E é repetida no fim, depois de ele reconhecer que *próximo* foi o *que usou de misericórdia*: *Vai e faz o mesmo*. Assim sendo, mais uma vez, o segredo para esta acção está na compaixão, que parte do centro vital, que são as entranhas.

**23** Foi também o caso do pai do filho pródigo, na última das três parábolas com que Jesus responde aos que o criticavam por comer com pecadores — Lc 15, 1-2.11-32<sup>42</sup>. Também ele é movido pela mesma entranhada compaixão, ao descobrir o filho mais novo, que saíra de casa com a parte dos haveres dele herdados e tudo desbaratara, até cair numa tal degradação que não teve outro remédio senão voltar para a casa paterna, mesmo sabendo que nem sequer como jornaleiro merecia ser recebido. Tanto maior foi a surpresa: *Ainda ele estava longe, quando o pai o viu: compadeceu-se profundamente, correu a atirar-se-lhe ao pescoço e cobriu-o de beijos*. Nem sequer o pedido de desculpas, ainda iniciado pelo filho, o deteve. *Disse aos seus servos: «Depressa! Trazei-lhe a melhor túnica e vesti-lha; dai-lhe um anel para a mão e sandálias para os pés; trazei o vitelo gordo e matai-o. Comamos e festejemos! Porque o meu filho estava morto e voltou à vida, perdido e foi encontrado»*.

São palavras em que se expressa, novamente, uma compaixão em que entra todo o ser e haver daquele pai, incluindo os pés e as mãos, até dos servos e do próprio filho. É aquela compaixão que ultrapassa todos os limites e convenções. De tal modo que pode levar a concluir: então, até vale a pena pecar!? Foi, possivelmente, o que pensou o filho mais velho, quando, de volta a casa, esfalfado pelo trabalho de mais um dia ao serviço do pai, se inteirou do que se passava. Daí recusar-se a entrar na festa. Era também o que pensavam os fariseus e doutores

---

42. Entre os judeus, a refeição tinha um carácter religioso.

da Lei, que, sim, aceitavam acolher um pecador, mas somente depois de se converter e mudar de vida. Acontece, porém, que a compaixão própria de Deus e do seu reino nem isso a pode limitar. Mesmo que o filho não se converta, o pai continuará, de certeza, a amá-lo, pelo bem incondicional e ilimitado que lhe quer. Um amor, portanto, totalmente à medida de quem dele carece.

**24** Que, nesta última parábola, esteja reflectido o modo de agir de Jesus no anúncio do reino de Deus não restam dúvidas. Basta a razão exposta em 15, 1-2 para vermos que, naquele pai, é Jesus quem actua, como Messias de Deus.

Poderá, então, concluir-se o mesmo da parábola do bom samaritano? De facto, há quem o faça, apoiando-se, nomeadamente, no Prefácio VIII das celebrações eucarísticas do tempo comum. Nele se diz que Cristo, «ainda hoje, como bom samaritano, vem ao encontro de todos os homens atribulados no corpo e no espírito e derrama sobre as suas feridas o óleo da consolação e o vinho da esperança».

Mas, o «ainda hoje» inicial leva-nos a pensar também naqueles que agem em nome de Cristo, os discípulos que Ele chama e envia como suas testemunhas, não apenas pelo que dizem, mas, sobretudo, pelo que fazem, com a mesma compaixão do bom samaritano e do pai do filho pródigo. Com ambas as parábolas, Jesus pretendia convencer não apenas os adversários que se opunham ao seu modo de agir, mas também os discípulos de então e de hoje. Pela parte que nos toca, há a vantagem de o termos já ressuscitado, depois de por nós ter dado a vida, num serviço de entrega total.

*«EU ESTOU NO MEIO DE VÓS COMO O QUE SERVE»*

**25** As palavras em epígrafe são uma citação de Lc 22, 24-30 e foram ditas por Jesus durante a última Ceia, na véspera da sua morte. É, por isso, a partir da sua morte que adquirem pleno sentido: por um lado, porque a morte de Jesus resulta da oposição que sofrera no anúncio do

reino de Deus; por outro lado, porque foi nessa morte que o seu amor, de entranhada compaixão, atingiu a expressão e o poder máximo — o da vitória total e definitiva sobre a morte.

Foi, por isso, uma morte há muito anunciada e preparada. A começar pela cena inicial na sinagoga de Nazaré<sup>43</sup>, onde Jesus, depois de criticar os ouvintes duvidosos da sua idoneidade para a missão que assumia, por não passar do *filho de José*, se confronta com a fúria deles e a tentativa de o lançarem de um monte abaixo. Escapou e *seguiu adiante* (4, 30).

Mas, ainda na primeira parte do seu ministério, enfrenta a repulsa de fariseus e doutores da Lei, por se arrogar com poderes divinos e não respeitar normas intocáveis para eles (5,17-6,11; 7, 36-50). De tal modo que, por duas vezes, anuncia aos discípulos a dimensão mortífera da rejeição final, como Messias (9, 22.44).

A situação agrava-se a caminho de Jerusalém. Assim que avança para lá, é repellido por samaritanos (9, 52s); vê-se ainda mais hostilizado por doutores da Lei e fariseus, depois de duramente lhes criticar a hipocrisia (11, 37-54); confessa até ansiar pela morte, sob a imagem do baptismo — ou banho — que afoga (12, 50); interpreta a informação de que Herodes o quer matar como um destino idêntico ao de outros profetas do passado (13, 31-35); a propósito da consumação do reino de Deus, insere no plano salvífico de Deus a rejeição que o eliminará (17, 25); na mesma linha, anuncia aos Doze, pela terceira vez e com mais pormenores, a sua morte e ressurreição, em Jerusalém (18, 31-33).

Depois de lá entrar — triunfalmente aclamado, mas sobre um modesto jumentinho —, cresce, pelo que aí diz e faz, a animosidade, agora da parte de todas as classes representadas no Sinédrio. Por expulsar os vendedores do templo, procuram matá-lo (19, 41-44). Depois de ouvirem d’Ele a parábola dos vinhateiros e reconhecendo-se nos homicidas do filho do dono da vinha, só não lhe deitam as mãos por medo do povo. Apesar de aceitarem as suas respostas em disputas que se seguiram (20, 20ss), mantêm, já na proximidade da

---

43. Para não falar do que se passa na infância: das condições perigosas e precárias do seu nascimento (2, 1-7) e da dor pela qual, segundo o velho Simeão, iria passar a sua mãe (2, 34s).

Páscoa, a decisão de o matar, obtendo para isso a colaboração de Judas Iscariotes (22, 1-6).

**26** É durante a celebração da páscoa com os discípulos (Lc 22, 14-38) que associa plenamente a sua morte ao amor, próprio da sua missão de Messias salvador. Para isso aproveita a ceia pascal, a que preside como chefe de família. Após dar graças pelo cálice inicial e o partilhar com os discípulos<sup>44</sup>, *tomando um pão e tendo dado graças, partiu-o e deu-lho, dizendo: «Isto é o meu corpo dado por vós. Fazei isto em minha memória»*. *Depois de cear, fez o mesmo com o cálice, dizendo: «Este cálice é a nova aliança no meu sangue, derramado por vós»*.

A novidade, relativamente à normal ceia pascal judaica, está nas palavras que junta aos gestos e nas quais interpreta a sua morte como realização da nova e eterna *aliança* entre Deus e o seu povo: uma aliança selada com *sangue*, considerado vital na cultura semítica; uma aliança selada na morte, em que Ele totalmente se dá por nós, no *corpo* — no sentido semítico da pessoa enquanto se relaciona. É um dom já iniciado na compaixão com que Ele, ao longo da sua missão, se dera, de pés e mãos, a tantos carenciados de vida. É um dom que, na morte, atinge a sua plenitude pela radical e definitiva entrega da vida. É um dom que, vencida a morte, passa a oferecer aos que com Ele se encontrem no memorial actualizante da celebração eucarística.

**27** É neste contexto que se enquadram as palavras citadas: *Eu estou no meio de vós como o que serve* (22, 27). Fazem parte da resposta aos Doze, que discutiam *sobre qual deles devia ser considerado o maior* — uma discussão já tida em 9, 46-48. É, por isso, estranho que a repitam, sobretudo em plena última Ceia.

Mas, deixará de causar assim tanta estranheza se a contextualizarmos em celebrações do memorial eucarístico. Sobretudo, ao considerarmos as divisões que surgiam no decurso dessas celebrações

---

<sup>44</sup>. Era a primeira vez, entre quatro ou cinco, que se bebia vinho durante a refeição pascal, tal a sua solenidade.

— por exemplo, entre os cristãos de Corinto, de níveis sociais opostos<sup>45</sup>. Sem esquecer as dos nossos dias. Divisões essas, muitas vezes, por conflitos de poder e autoridade. Mas, impensáveis na celebração que mais deve unir os que nela participam, pela comunhão que os une Àquele que por eles deu a vida, rebaixando-se ao nível de escravo, como o que serve à mesa. Tão forte é o seu amor!

**28** Assim o vemos, segundo Lc 23, 33–49, depois da sua condenação: *crucificado* — a pena de morte então mais dolorosa e aviltante — *entre dois malfeitores* e escarnecido por *chefes do povo, soldados* e até *um dos malfeitores*. Todos com o mesmo desafio: *salve-se a si mesmo*, com o poder que se arrogava como *Cristo e rei dos judeus*.

Mas, Ele não reage, senão com duas orações e uma promessa de salvação: pede ao Pai que perdoe os seus carrascos, promete o paraíso, para *hoje*, ao outro salteador e termina com o brado: *Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito!* Neste caso, uma oração bíblica e, portanto, inspirada pelo próprio Deus<sup>46</sup>.

Mostra assim uma serenidade só possível a quem, partindo do rebaixamento máximo, é capaz da maior manifestação de amor, de acordo com o que antes sempre ensinara e fizera. Então, os resultados não se fazem esperar: além do salteador que se converte, vemos também *o centurião*, comandante dos soldados, a *dar glória a Deus* por ver naquele crucificado *um homem realmente justo*; vemos ainda o povo, que antes o observava, a afastar-se, *batendo no peito*; e até um dos membros do Sinédrio, José de Arimateia, vemos a sepultá-lo num sepulcro novo.

Aquelas mãos e pés, que a cruz paralisou, voltarão, com a entrega nas mãos de Deus do Espírito que o animava, a manifestar um amor ainda mais poderoso e vivificante: o amor de quem, três dias depois e segundo o anúncio dos dois anjos no sepulcro, já não se encontra *entre os mortos*, mas *está vivo* (24, 5), no meio de nós, *como o que serve*.

45. Cf. 1 Cor 11, 17–34.

46. Sl 31/30, 6: mas, sem o *Pai* inicial, o título com que Jesus, em Lc, sempre se dirige a Deus na oração.

## NESSA MESMA HORA VOLTARAM PARA JERUSALÉM

**29** Foi assim que reagiram os dois discípulos a quem Jesus ressuscitado acabara de aparecer. É a primeira aparição, narrada por Lc 24, 13-35, depois da boa nova da sua ressurreição, comunicada pelos anjos às mulheres, que, tendo ido ao sepulcro para ungir o cadáver de Jesus, o encontraram vazio. Não tardaram a levar a notícia aos discípulos. Pedro confirmou a sua veracidade, mas só acerca do estado do sepulcro. Sabemos que Jesus viria entretanto a aparecer-lhe, pelo que nos é dito depois do relato da aparição aos dois discípulos que de Jerusalém regressavam a Emaús.

Esta é uma aparição a que S. Lucas dá especial relevo. Certamente, para nos mostrar como Jesus ressuscitado se dá a reconhecer ainda hoje: com os pés e as mãos. Como antes da sua morte. Mas, agora em direcção inversa: antes, Jerusalém foi o ponto de chegada; agora, é de partida... até Ele lhes ser dado a reconhecer. Aliás, os próprios confessam a razão por que deixam Jerusalém: *Esperávamos que fosse Ele quem estava prestes a resgatar Israel...* Contudo, nem sequer a notícia das mulheres se confirmou, no que à ressurreição se referia. Isto é, *a Ele, não o viram.*

Tudo isto, dizem-no ao próprio Jesus, desde que Ele *se aproximou e se pôs com eles a caminho. Mas* — conta o evangelista — *os seus olhos estavam impedidos de o reconhecer.* Têm de esperar pelo final da caminhada. Até lá e como preparação, Jesus explica-lhes, em *todas as Escrituras, o que a Ele se referia*, em especial à sua morte inesperada e ignominiosa: segundo o desígnio de Deus, contido nas Escrituras, *era necessário que o Cristo sofresse estas coisas, para entrar na glória* — dizia-lhes Ele.

O porquê desta necessidade sabemos-lo, finalmente, em Emaús. Precisamente, quando o vemos repetir o que fizera na última Ceia, mas agora com sentido pleno, depois da explicação bíblica da sua morte. Como na última Ceia, *reclinou-se com eles à mesa e, tomando o pão, pronunciou a bênção, partiu-o e dava-lho.* Foi então que *se lhes abriram os olhos e o reconheceram.* Nem precisaram das palavras da última Ceia.

Bastaram-lhes os gestos, com as mãos, para se aperceberem do que antes lhes tinha explicado: foi na cruz que Ele, no seu Corpo e Sangue, se dera realmente pela salvação de todos – com um amor que, segundo as Escrituras, implicava a oferta total da vida; um amor que, sendo idêntico ao de Deus, nada pode limitar, nem o pecado, nem a morte. Foi assim, com o amor identificativo do crucificado e ressuscitado, com que os dois acabavam de ser amados, que, finalmente, o reconheceram e lhe ficaram reconhecidos.

Quando *Ele desapareceu da sua vista, (...) levantando-se, nessa mesma hora voltaram para Jerusalém, onde encontraram reunidos os Onze e lhes contaram o que acontecera pelo caminho e como se lhes dera a conhecer na fracção do pão.*

É desta boa nova que Ele, na aparição seguinte e última, faz os Onze testemunhas, as primeiras de uma série contínua que se prolonga até nós.



## MEDIADORES DO EVANGELHO

---

### A PARTIR DO ENCONTRO COM JESUS CRISTO

**30** Observemos atentamente esta última aparição, narrada em Lc 24, 36-43, e reparemos no que Jesus diz aos Onze, depois de lhes mostrar as mãos e os pés, com que, por eles, se gastara, e de comer diante deles, numa leve alusão à Eucaristia. Neste contexto, Ele explica-lhes, mais uma vez, como se cumpriu tudo o que todas as Escrituras diziam sobre si, em especial sobre a sua morte e ressurreição. A partir delas, constitui-os mensageiros do que acabam de verificar, isto é, *que o Cristo havia de sofrer e ressuscitar dos mortos ao terceiro dia, e que havia de ser proclamada, em seu nome, a conversão, para perdão dos pecados* — o conteúdo do anúncio; *em todos os povos, começando por Jerusalém* — os destinatários; e *vós sois testemunhas destas coisas* — os mediadores, que para isso irão receber a força do Espírito Santo prometido pelo Pai.

É, pois, uma missão recebida, não só durante o encontro com o ressuscitado, mas, sobretudo, como resultado dele. Daquilo que Jesus então lhes recordou, mostrando-lhes as mãos e os pés e comendo diante deles. A partir daí torna-os testemunhas do amor de entranhada compaixão, que teve a expressão maior na sua morte e ressurreição; um amor tão forte que poderá levar quem o receber a converter-se, aceitando o perdão dos pecados, oferecido nesse amor.

**31** O mesmo tinha acontecido pouco antes com os dois discípulos de Emaús. Saliente-se contudo uma nuance: neles a reacção foi muito mais rápida, talvez por ter sido mais intenso o encontro. Aí, os dois não se limitaram a recordar o que Jesus tinha feito na cruz — disso lhes terá falado ao explicar-lhes as Escrituras —, mas reviveram-no no pão que partiu e lhes deu como seu Corpo, dado por eles, principalmente, na morte. Foi esta profunda vivência que os levou, nessa mesma hora, a voltar para Jerusalém, para contar aos Onze o que acabavam de experimentar: o amor com que Jesus se dera na cruz e agora o identifica como ressuscitado. A propósito, podemos fazer nossa a pergunta do Papa Francisco: «Se alguém acolheu este amor que lhe devolve o sentido da vida, como é que pode conter o desejo de o comunicar aos outros?»<sup>47</sup>.

Em sentido semelhante, sublinha-se também a reacção dos Doze, depois de receberem o Espírito Santo no Pentecostes (Act 2, 1-31): *Começaram a falar outras línguas*, de tal modo que quantos os ouviam — *judeus provenientes de todas as nações* —, *cada qual na sua língua materna*, atónitos perguntavam: como é que, sendo eles galileus, *os ouvimos proclamar nas nossas línguas as maravilhas de Deus?* Pedro desvenda-lhes o mistério: *Jesus, que Deus ressuscitou, (...) tendo sido elevado (...), recebeu do Pai o Espírito Santo prometido e derramou-o como vedes e ouvís*. Assim nasceu a Igreja, com a comunhão e a universalidade que a identificam, também elas com origem no amor de Deus em Jesus Cristo — um nascimento, depois de dias de assídua oração a seguir à ascensão; uma oração feita, de certo, em união com o Ressuscitado (cf. Act 2, 12-14).

Temos ainda a conversão e vocação de Paulo (Act 9, 1-23), em que Jesus começa por interpelá-lo: «*Saúl, Saúl, porque me persegues?*» Trata-o pelo nome hebraico, na forma original *Saúl*, isto é, o nome que mais o identificava como o judeu que perseguia os cristãos, porque, na sua mundividência até então, violavam normas e desrespeitavam

---

47. FRANCISCO — *A Alegria do Evangelho*, n. 8. sobre os efeitos do encontro com Jesus Cristo.

instituições intocáveis no judaísmo — mormente, o farisaico, em que estava filiado. Por isso, na sua interpelação, Jesus trata-o como um inimigo a quem oferece o perdão. Na prática está a dizer-lhe: — *Por que razão me fazes tanto mal, se Eu tanto te amo, até ao dom total da minha vida?* Foi a este amor, assim vivido, que Paulo se rendeu. A sua conversão foi de tal ordem que, apenas curado da cegueira contraída e baptizado por Ananias, começou, ainda em Damasco, a *proclamar nas sinagogas que Jesus era o Filho de Deus... até que os judeus combinaram matá-lo*. Um testemunho, pois, à custa da própria vida e, por isso, à medida do amor do ressuscitado!

**32** Por estes casos e por uma infinidade de outros tantos ao longo da história da Igreja é que os últimos Papas têm insistido recorrentemente na importância do encontro com Jesus Cristo, para a sua evangelização.

Não só o Bento XVI, que considera que este encontro, que «está no início do ser cristão», dá «à vida um novo horizonte e, desta forma, um rumo decisivo». Por isso, «a evangelização das pessoas e das comunidades depende totalmente da existência ou não deste encontro com Jesus Cristo»<sup>48</sup>.

Mas também o Papa Francisco, que esclarece o porquê da sua importância: «Somente, graças a este encontro — ou reencontro — com o amor de Deus, que se converte em amizade feliz, é que somos resgatados da nossa consciência isolada de autorreferencialidade». Nele, «todos somos convidados a aceitar este chamamento: sair da própria comodidade e ter coragem de alcançar todas as periferias que precisam da luz do Evangelho»<sup>49</sup>. Neste sentido, podemos acrescentar: sair com os pés e as mãos, à maneira do próprio Jesus e dos seus discípulos, desde os primeiros até nós.

Porque o desafio do Papa Francisco é também dirigido a cada um de nós, acolhamo-lo de tal modo, «em qualquer lugar e situação

48. BENTO XVI — *Deus é Amor*, n. 1; *Discurso aos Bispos de Portugal* (Roma 10 de Novembro de 2007), in «Lumen», III, 68 (2007, 6), p. 20.

49. FRANCISCO — *A Alegria do Evangelho*, ns. 8 e 20.

que se encontre, a renovar hoje mesmo o seu encontro pessoal com Jesus Cristo ou, pelo menos, a tomar a decisão de se deixar encontrar por Ele, de o procurar dia a dia sem cessar». E, sendo necessário, peçamos-lhe «que nos volte a cativar» e, com a sua graça, «abra o nosso coração frio e sacuda a nossa vida tibia e superficial». Façamo-lo, enquanto contemplamos o seu amor, «a melhor maneira para se decidir a comunicar o Evangelho»<sup>50</sup>.

## TESTEMUNHAS DE CRISTO

**33** É a este estatuto que Jesus converte os mensageiros do seu Evangelho, particularmente os Onze: *testemunhas destas coisas* (Lc 24, 48) ou, simplesmente, *minhas testemunhas* (Act 1, 8). É assim que, depois, eles e outros, repetidamente, se identificam: como testemunhas de Cristo (Act 22, 18.20; 23, 11), da sua ressurreição (1, 22; 2, 32; 3, 15; 4, 33), das suas aparições como ressuscitado (10, 41; 13, 30s), da sua morte, ressurreição e ascensão, para a conversão e o perdão dos pecados (5, 32), da sua actividade messiânica *na região dos judeus e em Jerusalém* (10, 39); no caso de Paulo, como testemunha do que viu e ouviu na aparição em que Jesus o converteu e chamou para apóstolo (22, 15; 26, 16), ou como testemunha de que se cumpriram as promessas bíblicas, relativas tanto à morte e ressurreição de Cristo, como à universalidade do seu anúncio (26, 22s).

Assim se chamam «testemunhas» por terem um conhecimento empírico e vivencial dos factos que anunciam e cuja veracidade podem assim certificar. É vivencial o conhecimento, devido às marcas profundas que os factos vivenciados deixaram nas suas vidas, tal a sua densidade e energia, só explicável por Aquele que neles intervém: o próprio Deus, que ressuscitou Jesus Cristo dos mortos e por Ele continua a agir.

---

50. *Ibidem*, ns. 3 e 264.

A Ele se deve a mudança radical das suas testemunhas: «Da mais profunda desilusão e tristeza, passaram à maior alegria e entusiasmo; de um medo paralisante, ao anúncio mais corajoso; de mortífero perseguidor, no caso de Paulo, ao mais incansável evangelizador. Tudo, diz o Apóstolo, devido ao *bem supremo, que é o conhecimento de Jesus Cristo, meu Senhor* (Fil 3, 8)»<sup>51</sup>. Como eles, todo «o verdadeiro missionário», que, de acordo com o Papa Francisco, «não deixa de ser discípulo». Pois também ele «sabe que Jesus caminha com ele, fala com ele, respira com ele, trabalha com ele». Assim sendo, «unidos a Jesus, procuramos o que Ele procura, amamos o que Ele ama»<sup>52</sup>.

**34** Certamente por esta razão é que o Beato Paulo VI chamou a atenção para a «importância primordial do testemunho da vida» na proclamação do Evangelho. Acompanhemos o raciocínio deste Papa: «Suponhamos um cristão ou um grupo de cristãos que, no seio da comunidade humana em que vivem, manifestam a sua capacidade de compreensão e de acolhimento, a sua comunhão de vida e de destino com os demais, a sua solidariedade nos esforços de todos para tudo aquilo que é nobre e bom. Assim, eles irradiam, de um modo absolutamente simples e espontâneo, a sua fé em valores que estão para além dos valores correntes, e a sua esperança em qualquer coisa que não se vê e que não se seria capaz sequer de imaginar. Por força deste testemunho sem palavras, estes cristãos fazem aflorar no coração daqueles que os vivem perguntas indeclináveis: Porque é que eles são assim? Porque é que eles vivem daquela maneira? O que é, ou quem é, que os inspira? Porque é que eles estão connosco?»<sup>53</sup>.

À guisa de conclusão, Paulo VI salienta: «Pois bem: um semelhante testemunho constitui já proclamação silenciosa, mas muito valiosa e eficaz da Boa Nova. Nisso há já um gesto inicial de evangelização.

51. CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA – *Catequese: A Alegria do Encontro com Jesus Cristo*, 2017, p. 13. Note-se que o título de *Senhor*, aqui aplicado a Jesus, era e manteve-se identificativo de Deus.

52. FRANCISCO – *A Alegria do Evangelho*, ns. 266 e 267.

53. PAULO VI – *Anunciar o Evangelho (Evangelii Nuntiandi)*, n. 21.

Daí as perguntas que talvez sejam as primeiras que se põem muitos não-cristãos, quer se trate de pessoas às quais Cristo nunca tinha sido anunciado, ou de baptizados não praticantes, ou de pessoas que vivem em cristandades, mas segundo princípios que não são nada cristãos. Quer se trate, enfim, de pessoas em atitude de procurar, não sem sofrimento, alguma coisa ou Alguém que elas adivinham, sem lhes conseguir dar o verdadeiro nome. E outras perguntas surgirão, depois, mais profundas e mais de molde a ditar um compromisso, provocadas pelo testemunho aludido, que comporta presença, participação e solidariedade e que é um elemento essencial, geralmente o primeiro de todos, na evangelização»<sup>54</sup>.

**35** É evidente que um tal testemunho — acrescenta o Papa — «será impotente com o passar do tempo, se ele não vier a ser esclarecido, por aquilo que São Pedro chamava dar “a razão da própria esperança”, explicitado por um anúncio claro e inelutável do Senhor Jesus. Por conseguinte, a Boa Nova proclamada pelo testemunho da vida deverá, mais tarde ou mais cedo, ser proclamada pela palavra da vida. Não haverá nunca evangelização verdadeira se o nome, a doutrina, a vida, as promessas, o reino, o mistério de Jesus de Nazaré, Filho de Deus, não forem anunciados»<sup>55</sup>.

Por sua vez, continua igualmente evidente que, com ou depois do testemunho da vida, a boa nova transmitida por palavras será muito mais bem compreendida e aceite. Sobretudo, por quem já a experimentou e recebeu ao vivo, ou assim a está a receber no acto da sua transmissão, como testemunho da vida de quem a transmite. Por outras palavras, se já foi, ou está a ser, amado por quem lhe fala do amor de Deus manifestado em Jesus Cristo. Sim, porque é isso que está no coração do Evangelho, é o seu «núcleo fundamental»: «*A beleza do amor salvífico de Deus manifestado em Jesus Cristo morto e ressuscitado*»<sup>56</sup>.

---

54. *Ibidem*.

55. *Ibidem*, n. 22, com uma citação de 1 Pd 3, 15.

56. FRANCISCO — *A Alegria do Evangelho*, n. 36.

Quando S. Pedro nos exorta — *Venerai Cristo Senhor em vossos corações, prontos sempre a responder, a quem quer que seja, sobre a razão da vossa esperança* —, diz-nos também como fazê-lo: *com brandura e respeito, conservando uma boa consciência, para que, naquilo em que fordes caluniados, sejam confundidos os que dizem mal do vosso bom comportamento em Cristo* (1 Pd 3, 15s). Sob uma perspectiva mais positiva, é, por outras palavras, o mesmo que nos dizer: sejam conquistados pelo Evangelho que experimentam na *brandura e respeito* com que se são tratados, a brandura e o respeito próprios do amor de *Cristo* e patentes no modo como o confessamos como *Senhor*.

## TESTEMUNHAS PELA VIVÊNCIA DO AMOR DE DEUS E DE JESUS CRISTO

**36** Talvez, uma das razões principais da falta de evangelização ou do seu fracasso na Igreja de hoje, incluindo a nossa Diocese, seja a contradição entre o que se prega e o que se faz ou entre o que se diz e o modo como é dito. Quem vai deixar conquistar-se pela boa nova do infinito amor de Deus em Jesus Cristo, se não o experimenta, ou até se depara com o contrário nas pessoas que o anunciam? Isto se, na verdade, o chegam a anunciar. Será que elas acreditam realmente no que dizem? Se não acreditam, como podem levar alguém a acreditar?

Por ser uma questão demasiado séria para nós cristãos, individualmente ou em Igreja — até porque está em causa a nossa própria salvação —, temos que insistir no tema. Deixemo-nos para isso, e como até agora, guiar sobretudo por S. Lucas, atendendo de momento ao que Jesus nos diz em Lc 10, 1-24, isto é, quando *designou outros setenta e dois* (discípulos) *e os enviou à sua frente, dois a dois, a toda a cidade e lugar onde estava prestes a ir*.

Entenda-se, primeiramente, que *setenta e dois* é assim referido, porque, conforme a mundividência de então, era o número dos povos da terra. É, pois, uma missão universal. Ora, sendo o número aplicado aos discípulos, quer dizer também que nenhum deles está dispensado.

O Papa Francisco justifica, dizendo que, em virtude da «força santificadora do Espírito que impele a evangelizar», força essa recebida já no Baptismo, «cada um dos baptizados, independentemente da própria função na Igreja e do grau de instrução da sua fé, é um sujeito activo de evangelização, e seria inapropriado pensar num esquema de evangelização realizado por agentes qualificados enquanto o resto do povo fiel seria apenas receptor das suas acções». Pelo contrário, «cada cristão é missionário na medida em que se encontrou com o amor de Deus em Jesus Cristo». Nesta linha de considerações, o Papa apela para que «não digamos mais que somos ”discípulos” e “missionários”, mas sempre que somos ”discípulos missionários”»<sup>57</sup>. Isto é, se não formos missionários, também não somos verdadeiramente discípulos, ainda que mais instruídos ou hierarquicamente qualificados.

**37** Na verdade, se Jesus nos «enviou», então somos seus «apóstolos», uma vez que «enviar» traduz o grego *apostélein*. Segundo a concepção da época, no apóstolo está presente quem o envia. O próprio Jesus assim nos diz, no final das suas instruções: *Quem vos ouve a mim ouve; e quem vos rejeita a mim rejeita; mas quem me rejeita, rejeita Aquele que me enviou*. Por outras palavras, somos portadores do amor de Deus em Jesus Cristo, o amor que faz de nós seus discípulos missionários, suas testemunhas. Mas, em concreto, como? Jesus dá a resposta:

- É, antes de mais, um amor que parte da prece ao Deus, *Senhor da messe*, uma *grande messe* — entendida à escala universal —, que, por isso, precisa de muitos *trabalhadores*: *Pedi, pois, ao Senhor da messe que mande trabalhadores para a sua messe*. Mas, sejam trabalhadores que encarnem o seu amor.
- Um amor que nos põe a andar, em resposta ao imperativo de Jesus: *Ide!* Saíamos, pois, do comodismo e do medo que nos

---

57. FRANCISCO — *A Alegria do Evangelho*, ns. 119 e 120.

paralisam e definham. Temos pés para isso. E quem ama, não teme. Sobretudo se é movido pelo amor de Cristo.

- Um amor provado pelo sofrimento: por nos desacomodar e, muitas vezes, por sermos rejeitados: *Eis que vos envio como ovelhas para o meio de lobos* — como também Ele foi enviado... e devorado. Uma ocasião, porém, aproveitada para reforçar o seu amor, na morte cruel que sofreu. Tão forte foi ele então, que venceu a morte para sempre e nos continua a amar.
- Um amor desprendido de tudo, até do mais elementar: por isso, *não leveis bolsa, nem alforje, nem sandálias, nem saudeis ninguém pelo caminho*, uma perda de tempo. Como Ele, que pouco antes desabafava não ter sequer *onde reclinar a cabeça* (Lc 9, 58). É que, habitualmente, o amor gera amor em quem o recebe.
- Um amor criador da paz, que nos harmoniza com todas as fontes de vida: conosco próprios, com os outros, com a natureza e, acima de tudo, com Deus. Daí ser o primeiro desejo, logo à entrada: *Paz a esta casa!* Se for aceite, torna-se num amor correspondido.
- Um amor partilhado, nomeadamente pela alimentação: *permanecei nessa casa, comendo e bebendo do que tiverem; pois um trabalhador é digno do seu salário*. Mas, cuidado! O trabalho tem de ser feito exclusivamente por amor.
- Um amor desinteressado e gratuito: isto é, *não andeis de casa em casa*, em busca das melhores condições e das mais compensadoras retribuições. Como, infelizmente, ainda hoje se faz, com a comercialização, mais ou menos descarada, até das coisas mais sagradas do Deus de todas as graças e do amor incondicional.

- Um amor essencialmente prático: que se pratica ou então não existe. Sobretudo, privilegiando os que mais precisam, como os *doentes*. Se Jesus manda ungi-los, é para se curarem de males do corpo e da alma, com a energia vivificante do seu amor, como ainda hoje se faz.
- Um amor paciente, que não desanima perante desaires: sacuda-se até o pó que se apegou aos pés, *se não vos receberem* numa cidade, e esqueça-se. Mas que, pelo menos, os seus habitantes fiquem a saber que *o reino de Deus está próximo*. Quem sabe se um dia o anúncio não possa vir a germinar e a dar frutos.

**38** *O reino de Deus está próximo* é a única mensagem transmitida por palavras, duas vezes e só no final. Na verdade, mais não é preciso, porque, sendo um reino de amor aquele que se anuncia, já apareceu ao vivo no amor com que os mensageiros a transmitiram.

Daí o êxito global da missão, apesar de algumas rejeições duramente condenadas por Jesus: *os setenta e dois voltaram com alegria, dizendo: «Senhor, até os demónios se nos subordinaram em teu nome»*. Para que não reste algum mal-entendido, Jesus emenda: *«Não vos alegrais porque os espíritos se vos subordinaram; alegrai-vos antes porque os vossos nomes estão escritos nos céus»*. De facto, persiste sempre o perigo de atribuímos a nós o que é, essencialmente, obra de Deus. Quanto a nós, deve apenas restar a alegria — o principal — de nos vermos amados por Ele e podermos participar na vida eterna, com *os nomes escritos nos céus*.

É a essa alegria que Jesus, por fim, se associa com um hino de júbilo. *Naquela mesma hora* — conta S. Lucas — *exultou de alegria no Espírito Santo e disse: «Eu te bendigo, ó Pai, Senhor do céu e da terra, porque escondeste estas coisas a sábios e entendidos e as revelaste a simples. Sim, ó Pai, porque assim foi do teu agrado»*. Depois de falar do conhecimento único entre Ele e o Pai e como resultado dele, Jesus acrescenta aos discípulos: *«Felizes os olhos que olham o que estais a olhar. Pois digo-vos:*

*muitos olhos quiseram ver o que vós estais a olhar e não viram, e ouvir o que estais a ouvir e não ouviram».*

**39** Pudesse Ele dizer o mesmo da Igreja de hoje, depois do que, por ela e nela, faz. O que, na verdade, puder dizer dependerá sempre de nós: do modo como cada um — desde o simples cristão leigo ao religioso ou consagrado e ao sacerdote ou bispo — se deixa conquistar por Ele e, com Ele, se entrega à sua evangelização — designadamente nos três sectores da vida da Igreja em que colabore: a formação, a celebração e a comunhão.

Estes são lugares privilegiados para o anúncio do Evangelho. Assim o dá a entender S. Lucas em Act 2, 42.47, a seguir à pregação de S. Pedro no Pentecostes. Os cristãos — diz o evangelista — *eram assíduos ao ensino dos Apóstolos, à comunhão, à fracção do pão e às orações*. Qual o efeito? *O Senhor aumentava todos os dias o número dos que deviam salvar-se*. É sempre assim, se o amor de Deus em Cristo, de que nasce a Igreja, continua a alimentá-la e a revelar-se na sua vida: além de crescer em número e qualidade dos seus membros, expande-se, dando origem a novas comunidades. Uma sucessão que se repete no resto dos Actos dos Apóstolos... até hoje. De contrário, sem essa presença dinâmica e permanente do Senhor, a Igreja definha e morre.

Não podemos por isso deixar de examinar, na perspectiva da evangelização, como funcionam, na nossa Diocese, esses três sectores da sua vida. Façamo-lo com a verdade e a coragem que nos dá o Espírito Santo, no que Ele *diz às Igrejas*<sup>58</sup>, prontos a deixarmo-nos tocar pela luz e energia que só Ele pode dar-nos. É nesse sentido e com essa esperança que convido a ler e a completar, numa reflexão séria, o que se expõe de seguida, começando pelo que concerne à mediação do Evangelho.

---

58. Ap 2, 7. O mesmo espírito presidiu à reflexão e às propostas do Sínodo Diocesano de 2002-2006 acerca dos mesmos sectores da vida da Igreja (cf. *Propostas Sinodais*, p. 9).

## EM ACTIVIDADES FORMATIVAS

**40** Que toda a formação cristã tem de inserir-se no encontro com Jesus Cristo ou, no mínimo, de se relacionar com ele, não restam dúvidas, depois do que vimos até agora. Há actividades que consistem precisamente nesse encontro. Por sua vez, outras pressupõem-no ou procuram conduzir a ele.

Das primeiras fazem parte, na nossa Diocese, entre outras:

- os retiros espirituais anuais, para sacerdotes e membros de alguns movimentos;
- os tempos de reflexão, oração e convívio, organizados pela Diocese no final do ano, para todos os sacerdotes, e, mensalmente, para os ordenados nos últimos dez anos, ou então propostos pela Prelatura da Santa Cruz e Opus Dei, igualmente para sacerdotes;
- a liturgia das horas, pelo menos para quem recebeu o sacramento da Ordem;
- a Liturgia da Palavra, em celebrações litúrgicas;
- os cursos de cristandade, para homens e senhoras, e os convívios fraternos, para jovens;
- os tempos de oração, inspirados designadamente na comunidade de *Taizé*;
- as várias expressões de piedade popular com leituras bíblicas, como o rosário, a via-sacra, as adorações ao Santíssimo Sacramento;

- a catequese, que se destaca, desde que a Conferência Episcopal Portuguesa, em recente carta pastoral, insistiu para que se faça dela, em cada sessão, um verdadeiro encontro com Jesus Cristo<sup>59</sup>.

No segundo grupo integram-se, entre outras:

- as aulas de Educação Moral e Religiosa Católica;
- os cursos, jornadas e conferências, promovidas pelo Instituto Católico, incluindo as jornadas anuais de formação do clero;
- os encontros ou palestras mensais dos sacerdotes de cada Arciprestado;
- as variadíssimas iniciativas organizadas por secretariados, movimentos, associações e paróquias ou arciprestados, em diferentes alturas do ano e diversos lugares da Diocese;
- os encontros de preparação para a celebração de sacramentos.

**41** Em geral e desde há uns anos a esta parte, tem-se notado em todas as actividades um crescente declínio na sua participação. Inclusivamente, depois da reflexão e das propostas sinodais que, de um ou outro modo, procuraram despertar para a sua necessidade e consequente adesão. As razões são certamente muitas.

Em relação aos sacerdotes, fala-se da falta de zelo pastoral e apostólico da parte de muitos. Sobretudo, se eles próprios nem na formação projectada para eles participam, nalguns casos de modo sistemático. Acontece também que alguns estão tão fortemente eivados de preconceitos contra determinados movimentos que liminarmente

---

59. Cf. CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA – *Catequese: A Alegria do Encontro com Jesus Cristo*, Maio 2017. Aliás, as sessões de catequese nos guias dos primeiros quatro catecismos da infância obedecem ao esquema de um encontro com Cristo. Pena que alguns catequistas não compreendam!

rejeitam conhecê-los melhor, pela participação, designadamente, em acções por eles promovidas. Além disso, ainda há muitos que procuram motivar os fiéis a participar, inclusivamente com insistência, mas, em razão da falta de adesão, sobretudo de jovens, caem num tal desânimo que, às tantas, se contentam com lamentações.

Pelo que respeita aos cristãos leigos, a que se deve tão fraca adesão? Só porque estão absorvidos por tantas preocupações e actividades que ficam sem tempo nem disposição para outras? Sobretudo, se estas são consideradas secundárias ou até desnecessárias, na sociedade para a qual basta o bem estar material para se ser feliz. Apesar de tudo, já há — e cada vez mais — quem tenha perdido ou esteja a perder tal ilusão. Há mesmo casos em que essa experiência acabou por despertar e intensificar o desejo e a necessidade de alternativas na área da espiritualidade; no fundo, a fome e a sede de Deus. Recorde-se o que sobre isso reflectimos na primeira parte.

Assim sendo, como estamos preparados para, de modo adequado, lhes responder? Iremos nós continuar com meios e métodos para lhes falar de Deus, dos quais Ele próprio está ausente, tanto no conteúdo como na forma como é apresentado? Certos de que disso nada resulta, vamos continuar no desencanto ou até no desespero, sob o perigo de nós próprios perdermos a razão e o gosto de viver como cristãos?

**42** De uma coisa temos a certeza: a fé em Deus, não a podemos impor. Quando muito podemos ajudar a descobri-la. Mais não é preciso. O resto é com Ele, que respeita totalmente a liberdade com que dota todo o ser humano. Mas, respeita-a através de nós, que d'Ele e para Ele procuramos viver. Que quer isto dizer, na prática?

Que temos de seguir, em todas as acções de formação cristã, o que já é norma — por exemplo — para a disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica em escolas estatais: a livre escolha; no caso, da parte dos alunos ou dos seus encarregados de educação; uma escolha feita, devido ao valor da oferta e à capacidade de quem a oferece — os professores, de tal modo imbuídos da mensagem que transmitem, que ela se vê ao vivo, designadamente no modo como lidam com os

alunos. Por outras palavras, falam-lhes do amor de Deus, procurando amá-los como Deus os ama, a eles e aos alunos. Neste caso, pela pessoa que encarnou o seu amor, depois de conquistado por ele no encontro com Jesus Cristo seu Filho.

No âmbito das actividades mais intraeclesiais, temos, por exemplo, de acabar de vez com uma catequese, vista, predominantemente, como condição *sine qua non*, para as festas da Primeira Comunhão, da Profissão de Fé e do Crisma, as principais ao longo de dez anos do percurso catequético. Se nelas predomina o factor social e espectacular, então, acabadas as festas, acabou o resto. Não se volta à Missa, senão de vez em quando e, possivelmente, por razões questionáveis. Não se vive segundo a fé, que se diz ter professado. E, recebido o Crisma, deixa-se a Igreja, onde verdadeiramente nunca se entrou. Isto está a acontecer na nossa Diocese. Por isso, não há que admirar quando essas crianças e adolescentes de hoje, sendo pais um dia, nem sequer venham a inscrever os filhos na catequese, sobretudo se ela se mantiver na mesma.

**43** O que dizemos sobre a catequese da infância e da adolescência pode aplicar-se, *mutatis mutandis*, a todas as outras acções de formação. Sem dúvida, às que consistem primariamente no encontro com Jesus Cristo, mas também às que com ele contam e em que, por isso, nele se inspiram, como cerne do Evangelho e base da mensagem cristã, em todas as áreas do saber em que é ensinada.

Preste-se para isso especial atenção à preparação dos formadores – principalmente a espiritual. Que ensinem o que antes, no estudo, vivenciaram, designadamente pela oração. Mas que seja uma oração em que rezem também pelos formandos. De tal modo, que estes, ao ouvi-los, possam contemplar nas suas vidas o que por palavras lhes transmitem. Em suma, amem-nos com o amor recebido de Cristo, privilegiando para isso o contacto «pessoa a pessoa», de reconhecida eficácia na evangelização<sup>60</sup>.

---

60. PAULO VI – *Anunciar o Evangelho (Evangelii Nuntiandi)*, n. 46.

Veja-se, nesse sentido, o que fizeram S. Paulo e S. Barnabé, segundo Act 13,1-14,28. Aí se conta que, *estando eles a celebrar o culto e a jejuar*, com outros membros da comunidade cristã de Antioquia da Síria, o *Espírito Santo disse-lhes: «Separai Barnabé e Saulo para o trabalho a que os chamei»*. Então, depois de terem jejuado e orado, *impuseram-lhes as mãos e deixaram-nos partir*. Arrancaram assim para a primeira viagem missionária, durante a qual fundaram várias comunidades, em que todos os crentes eram admitidos, judeus e pagãos. Uma viagem que terminou com eles, de regresso a Antioquia, a contar *tudo o que Deus fizera com eles e como abrira aos gentios as portas da fé*. Tudo isto, a partir de uma celebração, provavelmente da Eucaristia — a mais propícia para o encontro com Jesus Cristo, a dar a vida por todos.

## EM ACTIVIDADES CELEBRATIVAS

**44** Detenhamo-nos na Eucaristia, pela sua importância, ainda que por razões opostas. Por um lado, porque é «o sacramento dos sacramentos» e a «fonte e cume de toda a vida cristã»<sup>61</sup>. Por outro, porque talvez seja a celebração em que mais abusos se cometem, que acabam por destruí-la e, com ela, a Igreja. Concretizemos:

A Eucaristia é, na verdade, a celebração mais importante e mais repetida, acima de tudo por nos oferecer Jesus Cristo, «de múltiplos modos: na sua palavra, na oração da sua Igreja (...), na pessoa do ministro» e «*sobretudo sob as espécies eucarísticas*»<sup>62</sup>. De facto, é sobretudo no pão e vinho, com o seu Corpo e Sangue oferecidos por nós na cruz, que Jesus vem ao nosso encontro do modo mais vivo. Que é isto, senão o anúncio ao vivo do Evangelho? Daí a conclusão de S. Paulo, imediatamente depois das palavras de Jesus na última Ceia: *Todas as vezes que comerdes deste pão e beberdes deste cálice, anunciais*

61. TOMÁS DE AQUINO — *Summa Theologiae*, q. 65, a. 3; cf. *Catecismo da Igreja Católica*, n. 1211; II CONCÍLIO ECUMÉNICO DO VATICANO — *Lumen Gentium*, n. 11.

62. II CONCÍLIO ECUMÉNICO DO VATICANO — *Sacrosanctum Concilium*, n. 7; *Catecismo da Igreja Católica*, n. 1373.

a morte do Senhor, até que Ele venha (1 Cor 11, 26). Ainda hoje reagimos de igual modo, depois de o contemplarmos num profundo silêncio de adoração: «Anunciamos, Senhor, a vossa morte, proclamamos a vossa ressurreição, vinde Senhor Jesus».

Como é feito este anúncio? Apenas pelo actualizante memorial eucarístico? Recordemos as palavras de Jesus no contexto da última Ceia: *Eu estou no meio de vós como o que serve* (Lc 22, 27). Trata-se, como vimos, daquela condição de escravo, com que Ele totalmente se deu por nós na cruz e se torna presente entre nós no seu memorial eucarístico. Para quê, senão para nos conquistar para a mesma entrega? Isto, a começar na própria celebração. Só então a Eucaristia se torna completamente evangelizadora: não apenas pelo Evangelho, que no seu memorial celebrativo nos é anunciado ao vivo, mas também pelo que o mesmo Evangelho nos leva a ser e a realizar. Como o recebemos, assim o transmitimos: na atitude de serviço que já nos leva a participar na celebração e deve presidir aos serviços que nela prestamos<sup>63</sup>.

**45** Daí a redobrada centralidade do relato da instituição da Eucaristia na celebração:

Está no centro primeiramente da oração eucarística, que começa com a acção de graças do prefácio — associando-se a assembleia com a aclamação do *Sanctus* — e termina com a doxologia — a que a assembleia se associa com o *Amen* conclusivo. É antecedida da epiclese, em que imploramos o Espírito Santo para a consagração do pão e do vinho, e, depois da anamnese, em que recordamos a morte e ressurreição de Jesus, seguida da oblação, em que, unidos ao sacrifício de Cristo, nós mesmos nos oferecemos a Deus nosso Pai. Para quê? Para que, «alimentando-nos do Corpo e Sangue do vosso Filho, cheios do seu Espírito Santo, sejamos em Cristo um só corpo e um só espírito»<sup>64</sup>. É esta comunhão, com o Deus trino e uno e de uns com

63. A propósito, o Papa Bento XVI escreve: «A Igreja pode celebrar e adorar o mistério de Cristo presente na Eucaristia, precisamente porque o próprio Cristo se deu primeiro a ela, no sacrifício da cruz» (BENTO XVI — *Sacramento da Caridade*, n. 14).

64. *Missal Romano — Oração Eucarística III. A mesma prece é feita, com leves variações de linguagem, em quase todas as restantes orações eucarísticas e no mesmo lugar da celebração.*

outros, que Cristo suscita em nós, com a oferta da sua vida. Recorde-se o que se passou com os discípulos de Emaús: mal reconheceram Jesus na fracção do pão, *na mesma hora voltaram para Jerusalém*, para se juntarem aos Onze (Lc 24, 33).

Mas o relato da instituição está também no centro de toda a celebração, uma vez que a oração eucarística é o seu «ponto central e culminante»<sup>65</sup>. Por sua vez, a oração eucarística, seguida do rito da comunhão, é precedida pela liturgia da Palavra, «constituída pelas leituras da Sagrada Escritura», que a homilia desenvolve<sup>66</sup>. Esta tem por finalidade, entre outras, «fazer que a palavra de Deus (...), juntamente com a liturgia eucarística, seja “como que o anúncio das maravilhas de Deus na história da salvação ou no mistério de Cristo”. Na verdade, o mistério pascal de Cristo, proclamado nas leituras e na homilia, é realizado pelo sacrifício da Missa»<sup>67</sup>. E, «quando na Igreja se lê a Sagrada Escritura, (...) é Cristo presente na sua palavra que anuncia o Evangelho»<sup>68</sup>. Da mesma forma aconteceu com os discípulos de Emaús: só depois de Jesus partir o pão e lho dar, *se lhes abriam os olhos e o reconheceram*; antes, quando pelo caminho lhes explicava nas *Escrituras o que a Ele se referia*, apenas *lhes ardia o coração* (Lc 24, 27.30-32).

**46** Em suma, é do memorial eucarístico do mistério pascal que as outras presenças de Cristo na celebração recebem a sua completa força evangelizadora. Cristo está presente:

- Na sua palavra, sobretudo por esta, como acabamos de constatar, convergir para esse mistério e tiver nele plena realização. Por isso a sua proclamação deve ser feita na mesma atitude com que Cristo se entregou na cruz e está presente na Eucaristia:

65. *Instrução Geral do Missal Romano*, n. 78.

66. *Ibidem*, n. 55.

67. SAGRADA CONGREGAÇÃO DOS SACRAMENTOS E DO CULTO DIVINO — *Ordenamento das Leituras da Missa*, n. 24; II CONCÍLIO ECUMÉNICO DO VATICANO — *Sacrosanctum Concilium*, n. 35,2.

68. *Instrução Geral do Missal Romano*, n. 29.

*como o que serve.*

- Na oração da sua Igreja, porque a Igreja nasceu e vive do sacrifício de Cristo na cruz. Além disso é por Ele convocada em «assembleia» — o mesmo que «Igreja» — e, nesta, reza ao Pai sempre por Jesus Cristo seu Filho e nosso Senhor, isto é, obedecendo-lhe, como Cristo lhe obedeceu *até à morte e morte de cruz* e assim adquiriu a condição de *Senhor* (Fil 2, 8.11), mas assumida *como o que serve.*
- Na pessoa do ministro, por este ter sido constituído nesse ministério pelo sacramento da Ordem, que o capacita, agindo *in persona Christi*, para presidir à celebração, transmitir a Palavra de Deus, que se realiza plenamente em Cristo, e entregar as suas mãos e os seus lábios a Cristo, para que Ele por seu intermédio nos dê o pão e o vinho, dizendo-nos como na última Ceia: «Isto é o meu Corpo que será entregue por vós» e «Este é o cálice do meu Sangue (...), que será derramado por vós e por todos, para remissão dos pecados». Poderá dizê-lo e fazê-lo de modo credível, sem ele próprio procurar entregar-se totalmente pela vida dos que o escutam e de todos os que lhe estão confiados, isto é, estando no meio deles *como o que serve?*

**47** São estas presenças, capazes de realmente evangelizar, que me levam a perguntar, também e unicamente *como o que serve:*

- Aos leitores: Como é possível que haja ainda quem se apresente para proclamar a Palavra de Deus, sem, antes e com tempo, se preparar, procurando perceber o que lê, aprender o modo de ler mais adequado ao texto e, sobretudo, sem o encarnar, tanto quanto possível, na própria vida? Como é possível escolher alguém para ler, com a intenção de lhe prestar uma honra, como ainda acontece em celebrações, muitas vezes as mais festivas — como a Primeira Comunhão, a Profissão de Fé, o Crisma, o

Baptizado ou o Casamento? E depois prolongar o exibicionismo em redes sociais ou num simples álbum de recordações? Estará a servir a Palavra de Deus ou a servir-se dela para prestígio pessoal? O mesmo pode aplicar-se a outros ministérios laicais, podendo em muito contribuir para a dignidade das celebrações:

- Aos cantores e instrumentalistas musicais, individualmente ou em coro: Será que procuram sempre fazer do canto a sua própria oração, dando glória de Deus, e, com ele, conquistar a assembleia para a mesma oração? Optam por cânticos com qualidade musical e litúrgica à altura dessa dupla finalidade? Fazem dos ensaios tempo de oração?
- Aos acólitos: Aproveitam a presença próxima do altar para dar nas vistas ou para se unirem mais intimamente ao Senhor, evitando distrações, que se repercutem na assembleia? Preparam-se apenas para fazerem tudo certinho, ou, acima de tudo, para viverem a celebração, procurando conhecer o seu significado?
- Aos membros da assembleia, convocados por Cristo, não para assistir ao que Ele faz, mas para o receber na própria vida, por uma «participação activa, plena e frutuosa»<sup>69</sup>: Como se conjugam com isso olhos distraídos e ouvidos surdos, bocas fechadas e rostos tristes e apáticos? Qual é afinal o motivo por que nos reunimos? Será apenas para cumprir uma obrigação? Ou porque sinto realmente necessidade da luz e força de Cristo e da comunhão dos irmãos? Sendo este o caso, vou também para os ajudar, com a minha presença e oração — isto é, porque eles precisam de mim —, ou apenas pelo que eu preciso?

---

69. BENTO XVI — *Sacramento da Caridade*, n. 52; cf. II CONCÍLIO ECUMÉNICO DO VATICANO — *Sacrosanctum Concilium*, ns. 14-20.30-31.48-49.

- Aos ministros que, como vimos, celebram *in persona Christi*, uma missão tão bela quanto responsável: Que estamos a fazer para que Cristo apareça ao vivo nos nossos gestos, palavras e atitudes? Procuramos preparar-nos para cada celebração, cuidando não apenas dos seus aspectos exteriores, mas fundamentalmente do espírito que a deve animar? Na homilia, procuramos interiorizar e encarnar na nossa vida o que transmitimos por palavras? Sem isso, será possível celebrar com o amor e a alegria, próprios de quem sente Cristo, morto e ressuscitado, a agir em si? Não será a falta disso que nos leva a celebrar para a assembleia e não com a assembleia, esquecendo que, para sermos mediadores das graças eucarísticas, temos primeiro de ser destinatários? Ou leva a procurar um protagonismo, em que Cristo é marginalizado, se não mesmo instrumentalizado. Este é um perigo que tem outras expressões concretas, que veremos no ponto seguinte, o da evangelização pela vivência da caridade.

**48** Que este e outros abusos estão a destruir não só a Eucaristia, mas também a Igreja que dela vive, está bem à vista — nomeadamente, na preocupante diminuição dos que nela participam. Se a Eucaristia, como memorial da vitória de Cristo sobre a morte e, conseqüentemente, o maior acontecimento da história da humanidade, é a celebração mais festiva, como se compreende que, precisamente em procissões, festas e romarias, seja habitualmente a menos participada? Será necessário, para obviar isso, desfigurá-la com representações e encenações que acabam por encobrir o mistério central ou dele nos distrair? Questionemos também as Missas durante a semana, quanto à pressa e ligeireza com que são «despachadas», sem um cântico e um comentário à Palavra de Deus! Uma vez que são aplicadas predominantemente por defuntos, será que quem nela se apresenta, com a sua apatia, acredita realmente na ressurreição, que está no centro da celebração?

Se uns dirão que são muitas as celebrações, eu direi que são demais. Por isso, as questões surgem umas atrás das outras: Não será de sacrificar a quantidade à qualidade, numa época em que é tão fácil a

mobilidade e a deslocação? Não será que muitas das nossas celebrações, também aos olhos dos fiéis, incluindo os mais responsáveis pela vida das paróquias, estão a ser usadas para angariar fundos — na prática, para serem vendidas, o maior atentado contra uma celebração, cuja essência é a gratuidade, manifestada no amor d’Aquele que nela vem ao nosso encontro, *como o que serve?*

## EM ACTIVIDADES CARITATIVAS

**49** Trata-se aqui daquilo a que, em Act 2, 42, se chama *comunhão* — tradução do grego *koinonia*, expressivo da união entre, pelo menos, duas pessoas, mas sob a mediação de uma terceira. Concretamente, é da comum participação no amor de Cristo que nasce e se alimenta a comunhão entre nós, cristãos — um amor, literalmente, à prova de morte. De facto, foi na sua morte que Jesus mais nos amou. Tanto, que a venceu totalmente e para sempre. A unir-nos está, portanto, o amor mais vivificante. Ora, é a comunhão deste e neste amor que faz de nós a Igreja que somos.

É por a Eucaristia ser, por excelência, o memorial do amor de Cristo na sua morte redentora, que S. Paulo pergunta: *Não é o cálice de bênção que abençoamos a comunhão com o Sangue de Cristo? Não é o pão que partimos a comunhão com o Corpo de Cristo?* Conclui o Apóstolo: *Visto que há um só pão, nós, embora sejamos muitos, formamos um só corpo, porque participamos no mesmo pão* (1 Cor 10, 16-17).

Possivelmente, foi nesta comunhão vivenciada na Eucaristia que se baseou para, na mesma Carta aos Coríntios, aplicar à Igreja a imagem do corpo, constituído por muitos membros, cada qual com funções diferentes, todas, porém, necessárias para que o corpo viva. No entanto, o alcance de S. Paulo visava fazer da imagem realidade. Por isso, conclui: *Vós sois corpo de Cristo* (1 Cor 12, 27). Isto é, Cristo está de tal modo presente na comunhão com que nos une, que acaba por se identificar com a Igreja. Somos corpo de Cristo, porque recebemos o Corpo de Cristo — designadamente na Eucaristia. S. Agostinho diz

o mesmo por outras palavras: «Tornamo-nos não apenas cristãos, mas o próprio Cristo»<sup>70</sup>.

**50** Ora, se a Igreja se torna assim corpo de Cristo, é nela que Ele também se revela, ou seja, é evangelizado. Mais uma vez, ao vivo: na comunhão que nasce e vive d’Ele e em que Ele se manifesta, amando. Por isso, para sermos *corpo de Cristo*, temos, pelo menos, de tentar amar-nos uns aos outros, como Cristo foi capaz de amar.

Daí que a comunhão eclesial seja talvez, como forma de evangelização, a mais completa e eficaz. Quem se não deixa conquistar por Jesus Cristo, como fonte de uma vida feliz, se quem d’Ele fala também nos ama, nomeadamente quando nos fala? Ou, numa comunidade em que todos vivem na alegria do amor mútuo, por n’Ele acreditarem? Se a primitiva comunidade cristã de Jerusalém atraía tanta gente, era porque *nela todos viviam como se tivessem uma só alma*, razão por que *o Senhor aumentava todos os dias o número dos que deviam salvar-se* (Act 2, 46.47). Repare-se no sujeito da última frase: era o *Senhor* quem *aumentava* – na medida em que estava dinamicamente presente na comunhão e na correspondente evangelização.

De resto, ainda hoje é assim. Pela prática da caridade é que a Igreja mais atrai ou, pelo menos, mais respeito aufer, tanto de cristãos, como de não cristãos. Pelo contrário, é a falta de comunhão numa comunidade cristã que mais escandaliza e leva mesmo a que os seus membros a abandonem. Ora, se a primeira reacção nos alegra, a segunda deve preocupar-nos, particularmente no que concerne à nossa Diocese. Por isso, vamos deter-nos por agora na comunhão entre nós, diocesanos, adiando para o próximo capítulo a caridade numa dimensão mais ampla, inclusive extraeclesial. Mas sempre no âmbito da sua componente evangelizadora.

---

70. SANTO AGOSTINHO – *In Iohannis Tractatus*, citado por BENTO XVI – *Sacramento da Caridade*, n. 36.

**51** A especial relevância que os primeiros cristãos davam à comunhão é testemunhada pela insistência com que nos Actos dos Apóstolos a ela se alude ou, simplesmente, pressupõe. Ela é particularmente pressuposta, sobretudo, em situações de conflito, frequentes e compreensíveis em tempos de formação e crescimento, como os de então.

Um dos mais graves conflitos surgiu da questão sobre a admissão na Igreja somente de judeus ou, para além destes, também de pagãos não circuncidados — os chamados «tementes a Deus», pagãos que acorriam às sinagogas e aderiam à fé e ética judaicas, mas sem circuncisão. Ora, sendo a circuncisão vista como sinal da aliança, fundadora do Povo de Deus<sup>71</sup>, não admira que alguns cristãos judeus a exigissem para se ser membro pleno do povo de Deus, que era a Igreja. Tanto mais que o próprio Jesus se tinha circuncidado e em nada revogara o que as Escrituras prescreviam<sup>72</sup>. Por seu lado, outros, como Paulo e Barnabé, seguiam a prática contrária.

O conflito só foi sanado no encontro das duas partes beligerantes, em Jerusalém e sob a presidência de Pedro e Tiago, então responsável pela comunidade cristã local (Act 15, 1-21). Apoiaram-se em três intervenções de Deus. A primeira foi apresentada por Pedro, que testemunhou ter já baptizado um temente a Deus, o centurião Cornélio, depois de ter, para isso, recebido um mandato do Alto, confirmado pelo Espírito Santo. A última foi a de Tiago, que citou um texto da Escritura, no qual se previa a entrada de todos os povos num renovado povo de Deus. Entre as duas intervenções, a primeira e a terceira, Barnabé e Paulo expuseram *os milagres e prodígios que Deus realizara por seu intermédio entre os gentios*. Ou seja, todos estavam de acordo que o primado devia ser dado ao amor de Deus pelo seu povo, manifestado em Jesus Cristo seu Filho, que todos anunciavam no Evangelho, sendo que Barnabé e Paulo também a pagãos — o mesmo amor que une a Igreja em comunhão e nela se revela. Que lição para a Igreja de hoje!

---

71. Cf. Gn 17, 1-14.

72. Cf. Lc 2, 21 e Mt 5, 17s.

**52** Fundamentalmente, uma lição sobre o modo como resolver os conflitos que ameaçam destruir a Igreja! De acordo com o Papa Francisco, os conflitos no interior de comunidades cristãs são gerados e alimentados por «várias formas de ódio, divisão, calúnia, difamação, vingança, ciúme, (...) desejos de impor as próprias ideias a todo o custo e até perseguições que parecem uma implacável caça às bruxas»<sup>73</sup>. Tudo, porque interesses ou caprichos pessoais se sobrepõem à vontade de Deus e ao bem do seu povo. Quem se aguenta em comunidades assim?

Ou onde há conflitos entre sacerdotes e suas comunidades, tantas vezes por coisas de Deus, que, em vez de unir, dividem? Pelo menos, que os sacerdotes não usem o altar para os alimentar... E, por favor, oiçam todos a exortação do Senhor: *Amai os vossos inimigos, fazei bem aos que vos odeiam. Bendizei os que vos amaldiçoam, rezai pelos que vos maltratam.* Para isso e acima de tudo, *tornai-vos misericordiosos como também o vosso Pai é misericordioso.* Não é ao sacerdote que também se chama «padre», que quer dizer «pai»? Então, *perdoai e sereis perdoados* pelo Pai Celeste, que tudo faz pelo bem dos seus filhos, bons e maus (Lc 6, 27-37).

Conflitos há também entre sacerdotes, designadamente do mesmo Presbitério. Quanta inveja e distância mútua! Quantos preconceitos e suspeições infundadas! Quantos mexericos e boatos inventados! Quanta maledicência e infâmia propositadamente ofensiva! Quanto ódio e quanta vingança arrasadora! Mas, onde está então a correcção fraterna? Não nos deu o Senhor pés para nos encontrarmos e mãos para nos unirmos, mãos que Ele ungiu com a energia do seu Espírito? Quando mais escutamos determinadas expressões — «Ofendeu-me», «não me fala», «temos maneiras de ser, pensar e agir diferentes», «é impossível trabalharmos juntos» —, mais pertinente se torna a pergunta: afinal, o que nos une como consagrados ao Senhor são os gostos e interesses pessoais ou a suprema vontade de Deus e o bem irrecusável do seu povo?

---

73. FRANCISCO — *A Alegria do Evangelho*, n. 100.

**53** Entre os primeiros cristãos, a comunhão também transparecia na partilha de bens. Aliás, sobretudo nela. Segundo Act 4, 32–35, *os crentes tinham um só coração e uma só alma; ninguém chamava seu ao que lhe pertencia, mas tudo entre eles era comum*. Resultado: *não havia qualquer necessitado entre eles* (cf. 2, 42–47). Uma comunhão duplamente vital:

- Individualmente, por estar enraizada no centro vital de cada crente — o *coração* — e lhe dar vida — a *alma*<sup>74</sup>. De facto, se a vida que temos nos vem de Deus, pela fé com que a Ele de coração nos confiamos, essa vida só será mantida se nos amarmos como Ele nos ama, pela fé, que para isso nos conquista.
- Comunitariamente, pela simples razão de que, como ninguém pode viver só por si, também a comunidade em que vivemos só existe se cada um para ela contribuir. A isso acresce, na Igreja, a especial força evangelizadora da comunhão, que nos dá a alegria de sermos amados e amarmos à medida do amor de Deus, especialmente vivo no dom da vida de Jesus Cristo e no respectivo memorial eucarístico.

Por isso, a comunhão entre nós cristãos tem especial expressão na partilha de bens. Assim como Cristo reparte por nós o seu Corpo no pão da Eucaristia, também nós devemos repartir os nossos bens, angariados, na maioria, a desgastar os nossos corpos — designadamente pelo trabalho. É assim que apresentamos o pão no altar: como fruto do trabalho do homem, conforme bem-dizemos, a abrir a segunda parte da celebração. Ao mesmo tempo, recolhemos a maioria das ofertas como modo de tomar parte, pela nossa vida, na oferta de Cristo na cruz e no mesmo altar. Uma ligação que confere a essas ofertas duas qualidades essenciais:

---

74. Em grego *psüké*, tal como o correspondente hebraico, exprime o ser humano enquanto vivo. Pode, por isso ser traduzido por «alma» ou «vida».

- A gratuidade. Porque Partilhamos livre e incondicionalmente, isto é, sem nada exigir ou esperar em recompensa, como Cristo na cruz. No anúncio do Evangelho S. Paulo viveu esta gratuidade (em Act 21, 33-35). Para evitar confusões com pregadores ambulantes, que pregavam para serem recompensados, o Apóstolo confessa jamais ter desejado *prata, ouro ou vestuário de ninguém*. E esclarece de que vivia: *Estas mãos proveram às minhas necessidades e às dos meus companheiros*. Como? *Trabalhando*. Por que razão? *Por causa do Evangelho, para dele me tornar participante*, isto é, da gratuidade que o identifica – explica ele em 1 Cor 9, 23.
- A sacralidade. As ofertas participam da mesma condição do pão e vinho, depois de consagrados no Corpo e Sangue de Cristo. O episódio narrado em Act 5, 1-11 ilustra, pela negativa, essa sacralidade. Depois da referência à partilha de bens entre os cristãos, conta-se como um tal Ananias, com a cumplicidade da esposa Safira, simulou participar plenamente nessa partilha: vendeu um terreno, mas só entregou parte do preço, guardando secretamente o resto para si. Não que fosse obrigado, nem a vender, nem a entregar tudo. Mas, se, aos olhos de Pedro e da restante comunidade cristã, quis mostrar o que na realidade não fez, quer dizer que não era o amor aos outros que o movia, mas o próprio prestígio e proveito. Um egoísmo e uma mentira que lhe saíram caros: imediatamente *caiu e expirou*, o mesmo acontecendo à esposa.

**54** Que significa tudo isto para nós? A resposta pode ser dada pelo modo como a *Legislação para a Administração dos Bens Temporais da Igreja* na nossa Diocese tem sido posta em prática, sobretudo depois de tornada obrigatória a partir de 2014. Essencialmente, rege-se pelos mesmos princípios e visa a mesma finalidade: a comunhão

entre nós, em todos os campos da vida da Igreja diocesana<sup>75</sup>. Assim sendo, quais são então os resultados até ao presente? Depois de uma acentuada relutância e até rejeição da parte predominantemente de sacerdotes — estranho! —, nota-se, pelos dados que, ano a ano, vêm sendo apresentados e publicados, que está a crescer a adesão; pelo menos, às normas.

Assim, a quase totalidade das paróquias e instituições afins faz e entrega as colectas — pelo menos as principais —, para os fins consignados a que se destinam, alargando assim a sua comunhão cristã para além dos seus limites. Também a maioria apresenta à comunidade local e diocesana o relatório anual de contas, sinal do rigor e da transparência com que devem ser usados os bens da Igreja, para que os fiéis não percam a confiança e a generosidade e se respeite a gratuidade e a sacralidade própria desses bens.

É dessas ofertas, juntamente com outras, que vive e sempre viveu a Igreja. Enquanto expressão de amor, são, ainda que parcas, a sua maior riqueza. O mesmo se diga do Fundo Diocesano do Clero, uma das mais concretas expressões da comunhão entre os sacerdotes. A grande maioria deles entrega pontualmente o seu contributo anual. Contudo, fazem-no só para terem o direito a usufruir dele, quando necessário, ou porque, primariamente, querem assim pôr em prática o amor fraterno específico da Igreja e, concretamente, dos sacerdotes que a servem?

Se é a primeira razão que nos move, então percebem-se as falhas que existem, não tanto no número dos contribuintes, mas, sobretudo, na contribuição. Há bastantes que entregam apenas o mínimo estabelecido para todos, quando podiam e deviam entregar mais. Referimo-nos aos que usufruem de outros rendimentos fixos, com origem directa ou indirecta na actividade sacerdotal, para além do que recebem das comunidades que ainda servem. O mesmo se diga do vencimento de base, igual para todos. Há sacerdotes que não o aceitam e continuam

---

<sup>75</sup> Cf. *Legislação para a Administração dos Bens da Igreja na Diocese de Viana do Castelo*, 2012, pp. 11-19; OLIVEIRA, Anacleto — *Há mais Felicidade em Dar(-se)*, Viana do Castelo 2013, 29 pp.

a receber das suas comunidades muito para além do que precisam. Por favor, não se esqueçam do princípio da justa igualdade, inerente aos da partilha e da comunhão. Nunca se esqueçam também de que não trabalhamos para sermos remunerados, mas recebemos para trabalhar. De contrário, facilmente caímos em pecados, como o da simonia, negociando com o que é de todo inegociável, porque inserido na comunhão com o Deus santo, ilimitado e incondicional no seu amor.

Nesse âmbito enquadram-se também os casos mais escandalosos: os de sacerdotes que condicionam os seus serviços à remuneração a que pensam ter direito, de tal modo que, sem ela, se recusam a prestá-los. Sem falar dos que exigem mais do que está determinado pela Igreja, com base nos referidos princípios, que tornam o valor das taxas e emolumentos como meramente indicativo. Isto é, jamais se pode recusar servir quem não pode ou não quer pagar. Senão, deixa de ser um serviço, para se tornar uma venda. Ora, as coisas de Deus – convém repeti-lo – são inegociáveis.

A caridade obriga-nos, finalmente, a falar do escândalo com que alguns sacerdotes teimam em lidar com Missas por várias intenções. Continuam, para além daquilo a que têm direito, a ficar com todos ou parte dos respectivos estipêndios, sem a exigida licença formal e escrita da autoridade diocesana. Trata-se de um pecado gravíssimo, a rondar o sacrilégio, uma vez que são bens directamente provenientes da Eucaristia e, por isso, sagrados. No caso daqueles que, sem a referida licença, entregam apenas uma parte, o pecado é duplo – furto e mentira –, como no episódio de Ananias, atrás referido. Em qualquer dos casos, pergunta-se a uns e a outros: com que consciência se apresentam diante de Deus? Com que cara aparecem perante a comunidade? Suscitam-se estas perguntas unicamente por amor ao Evangelho e aos que só nele podem encontrar o caminho da salvação. Por favor, pense-se na participação no sacerdócio de Cristo... e na própria salvação. Para que sejam esclarecidas quaisquer dúvidas a este respeito, porque não comunicar às comunidades que servem, com transparência e rigor, o cumprimento pleno também deste dever, como já fazem alguns sacerdotes?



# DESTINATÁRIOS DO EVANGELHO

---

## TODOS OS HOMENS E O HOMEM TODO

**55** Recordemos o mandato de Jesus aos onze Apóstolos, na última aparição, antes de se elevar ao céu: *Sereis minhas testemunhas (...) até aos confins da terra* (Act 1, 8) ou *em todos os povos* (Lc 24, 47). Eles assim foram. De tal modo que a Igreja, desde o início, «é assumida por Ele como instrumento de redenção universal», «o sacramento universal de salvação»<sup>76</sup>. Uma verdade de fé, professada por cada um de nós no Credo — «Creio na Igreja católica», no sentido de universal.

A razão principal desta universalidade está no conteúdo do testemunho, ou seja, no amor ilimitado, em intensidade e extensividade, de Cristo na sua morte e ressurreição. Ele próprio o afirma, implicitamente, quando diz aos onze que esse amor, assim manifestado, *está escrito* nos desígnios de Deus, nas Escrituras (Lc 24, 46), do Deus *Altíssimo* que é generoso para com todos, até *para com os ingratos e os maus* (Lc 5, 35). O mesmo é declarado, explicitamente, no centro da Eucaristia, nas palavras pronunciadas sobre o cálice: «Este é o cálice do meu sangue, (...) que será derramado por vós e por todos, para a remissão dos pecados».

---

76. II CONCÍLIO ECUMÉNICO DO VATICANO — *Lumen Gentium*, ns. 9 e 48.

**56** Pela mesma razão é um amor que nos atinge e transforma em todo o nosso ser. Como? Pela *conversão, para perdão dos pecados* (Lc 24, 47). «Conversão» traduz o grego *metánoia*, expressivo de uma mudança radical na maneira de pensar. Por isso, com incidências nas maneiras de ser e viver. Uma mudança que nos atinge nas faculdades cognitivas, volitivas e activas. Atinge-nos, de acordo com o Papa Francisco, na cabeça, no coração e nas mãos, em mútua correlação: na cabeça, para «pensar o que se sente e o que se faz»; no coração, para «sentir o que se pensa e o que se faz»; e nas mãos, para «fazer o que se sente e se pensa»<sup>77</sup>.

É uma conversão, cuja radicalidade se deve ao *perdão dos pecados*: como pressuposto e como meio para a obter. Pois o perdão só atinge o seu fim quando aceite pela pessoa a quem se perdoa. Mas, é a sua oferta, enquanto extrema expressão de amor, que leva à aceitação. Podemos observar isto em Jesus Cristo:

- Foi na cruz que, por seu intermédio, objectiva e definitivamente, Deus perdoou os pecados a toda a humanidade. Deus é o Pai, a quem Jesus, na cruz, pediu perdão para todos os que, pelo pecado, o rejeitavam ou rejeitariam. Um perdão, pois, com selo e eficácia divina.
- Porque faltava dá-lo a conhecer, a missão dos onze foi serem testemunhas, não só do triunfo de Jesus sobre a morte, mas também da conversão, para o perdão dos pecados; ou melhor, serem testemunhas da conversão, pela aceitação do perdão dos pecados; uma aceitação que, em última análise, se deve ao amor com que o Filho de Deus deu a vida por todos, incluindo os que, pelo pecado, vivem sem Deus; uma aceitação que lhes dá a vida feliz que só em Deus podem encontrar... e pela qual, mesmo sem disso terem consciência, anseiam, cada um a seu modo.

---

77. A propósito da catequese, em entrevista, na Rádio Renascença, a AURA MIGUEL, que a publicou em *Conversas em Altos Voos*, Lisboa 2017, p. 93.

## NA CONCRETA SITUAÇÃO EM QUE MAIS SE PRECISA DE VIDA

**57** Para ser eficaz, o anúncio do Evangelho, tem de adaptar-se à situação de cada destinatário. Pelo menos é o que se depreende dos Actos dos Apóstolos. O conteúdo mantinha-se, nos elementos principais, genericamente o mesmo. Variava apenas na forma e nalguns pormenores, mormente no início, conforme a situação e as questões do auditório. Assim:

- S. Pedro não falou a judeus do mesmo modo como o fez a um temente a Deus, o centurião Cornélio, ainda que todos acreditassem no mesmo Deus. A Cornélio, sendo o primeiro pagão a aderir a Cristo, começou por dizer-lhe que *Deus não faz acepção de pessoas* (Act 10, 34). Perante judeus, tinha em conta as suas questões: na manhã do Pentecostes, a razão da «bebedeira» de que Pedro e os restantes Apóstolos, «embriagados» pelo Espírito, eram acusados (2, 13.15); a justificação para a cura de um paralítico perante uma multidão (3, 12) e perante o Sinédrio (4, 9); a desobediência à proibição imposta pelo mesmo Sinédrio de continuarem a falar de Jesus (5, 29).
- S. Paulo, diante dos judeus de Antioquia da Pisídia, reunidos para o culto sabático, aproveita a oportunidade que lhe é dada para lhes expor uma história da salvação que culmina na morte e ressurreição de Jesus (13, 17-41). Mas, perante os ouvintes pagãos do Areópago de Atenas parte da divindade que eles procuravam, com o altar *ao Deus desconhecido*, para lhes falar do Deus que ressuscitou Jesus (17, 22-31).

**58** O fundamento desta adaptação está, como na dupla universalidade do Evangelho, no seu conteúdo: no amor ilimitado com que Jesus Cristo deu a vida por todos. Como todo o verdadeiro amor, tem de dar resposta às concretas carências e ânsias de vida de cada pessoa que dele precisa,

por ele anseia e o acolhe. Não é assim que todo o bom pai ou mãe tem de amar os filhos? Recorde-se o da parábola do filho perdido: a compaixão daquele pai concretizou-se na doação de tudo o que, a seus olhos, o filho realmente precisava para voltar à vida, uma vida feliz.

Por isso, a «adaptação da Palavra revelada deve permanecer a lei de toda a evangelização»<sup>78</sup>. Uma adaptação enraizada «no mistério da Encarnação»<sup>79</sup>, com o auge no amor com que Ele *se humilhou ainda mais, até à morte e morte de cruz* (Fil 2, 8).

Basta dar dois exemplos para se constatar que a falta desta adaptação tem incidências negativas e até catastróficas nos efeitos do que se diz. O primeiro é o do catequista que, para falar de Deus como Pai, se apoia — teoricamente, bem — na figura do pai terreno, a primeira pessoa, com a mãe, em que a criança experimenta a paternidade de Deus, pois é d’Ele que *recebe o nome toda a paternidade nos céus e na terra* (Ef 3, 14). Mas se a experiência que a criança tem do pai for tudo menos positiva, poderá ela, deste modo, ser conquistada para o amor de Deus? O outro exemplo é o do sacerdote que prega, designadamente na Missa, sem «conhecer o coração da sua comunidade para identificar onde está vivo e ardente o desejo de Deus». Não será, também por isso, que tantas homilias, em vez de prender os fiéis, acabam por fazê-los sofrer, a eles e aos próprios pregadores: «uns a ouvir e os outros a falar»<sup>80</sup>?

**59** É, sobretudo, aqui que tem lugar e especial importância a evangelização pessoa a pessoa. Como escreveu o Papa Beato Paulo VI, «o mesmo Senhor a pôs em prática muitas vezes; (...) as conversas com Nicodemos, com a Samaritana, com Simão, o fariseu, e com outros atestam-no bem, assim como os Apóstolos. E, vistas bem as coisas, — pergunta o Papa — haveria uma melhor forma de transmitir o Evangelho para além da que consiste em comunicar a outrem a sua

78. II CONCÍLIO ECUMÉNICO DO VATICANO — *Gaudium et Spes*, n. 44.

79. CONGREGAÇÃO PARA O CLERO — *Directório Geral da Catequese*, n. 169.

80. FRANCISCO — *A Alegria do Evangelho*, ns. 137 e 135.

própria experiência de fé?»<sup>81</sup> Especialmente, sendo a comunicação é feita com a amizade e o respeito, próprios do amor constitutivo do Evangelho. De tal modo que, antes de anunciado por palavras, já o está a ser pela vida.

Para isso é fundamental conhecer a pessoa a quem se transmite. Como? O Papa Francisco sugere que se comece por «um diálogo pessoal, no qual a outra pessoa se exprime e partilha as suas alegrias, as suas esperanças, as preocupações pelos seus entes queridos e muitas coisas que enchem o coração»<sup>82</sup>. Na verdade tanto podem encher como esvaziá-lo – mormente, tratando-se de situações de erro ou sofrimento, seja de que género for; situações em que mais se sintam a falta de vida por que se anseia, a vida que Jesus Cristo, no seu amor, pode dar... desde que transmitida com a palavra certa, a mais adaptada à situação.

Como pode imaginar-se, neste «indispensável contacto pessoal»<sup>83</sup>, cada caso é um caso. Daí que as páginas que se seguem se circunscrevam às características, mais ou menos comuns, dos destinatários dos diferentes grupos aos quais o Evangelho é anunciado, seguindo, como no capítulo anterior, as diferentes áreas da acção pastoral da Igreja.

## EM ACTIVIDADES FORMATIVAS

**60** Começamos pela **catequese da infância**, que corresponde à idade em que as crianças iniciam, de modo sistemático, a instrução escolar e a formação catequética<sup>84</sup>. Embora muito do seu tempo seja passado na escola, não é desta que, normalmente, mais dependem, mas sim da família. Desconhecer ou alhear-se disto tem sido um dos maiores erros da catequese.

81. PAULO VI – *Anunciar o Evangelho (Evangelii Nuntiandi)*, n. 46.

82. FRANCISCO – *A Alegria do Evangelho*, n. 128.

83. PAULO VI – *Anunciar o Evangelho (Evangelii Nuntiandi)*, n. 46.

84. Cf. CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA – *Catequese: A Alegria do Encontro com Jesus Cristo*, 2017, ns. 39–43. Recomendase a leitura de toda esta carta pastoral sobre o futuro da catequese na Igreja do nosso País.

Entre nós, ainda se faz, maioritariamente, uma catequese escolarizada e, como tal, reduzida, primariamente, à aquisição de conhecimentos, sem a necessária atenção à vivência de fé, pelo encontro com Jesus Cristo. Como vimos, é Ele que atinge a pessoa em todas as suas faculdades vitais: a cabeça com que pensa, o coração com que sente e as mãos com que age. Mas, tem de atingi-la na sua concreta situação de vida, que, nas crianças desta idade, é a família, ainda que nela, nomeadamente nas relações entre marido e esposa, nem tudo decorra tão bem quanto desejável.

Quer isto dizer que as crianças têm de receber e viver a mensagem cristã juntamente com os pais — e outros familiares, se necessário e possível — e na sua relação vital com eles. Neste sentido, depois de várias outras experiências neste campo, os Bispos do nosso País reconheceram a chamada «Catequese Familiar» como «a mais completa e eficaz», por duas razões: primeiro, por contemplar «as exigências pedagógicas de uma tarefa desenvolvida em família, na família e com a família»; segundo, «por nela se envolverem simultaneamente a família e a paróquia»<sup>85</sup>.

Na nossa Diocese está a ser adoptada já há seis anos. Por enquanto, somente nalgumas paróquias e, na maioria, a par com o tradicional modelo escolar. Mas, em atenção aos resultados genericamente muito positivos, é tempo de se dar um passo em frente e caminhar para que este novo modelo se torne o único.

E porquê? É que, não sendo obrigatória, são cada vez mais os pais que a escolhem. Está, pois, a impor-se por si própria. Não é vista, apenas e primariamente, como preparação obrigatória para as festas da Primeira Comunhão e da Profissão de Fé, com todos os resultados negativos referidos atrás. É, pelo contrário, abraçada como oportunidade única para os próprios pais (re)descobrirem a fé. Para mais, na fase da vida em que estão a exercer a missão mais essencial de todo o ser humano, que é a de viver, dando a vida. No seu caso, dando-a aos filhos e na fase da vida em que estes descobrem e aprendem a amar

---

85. *Ibidem*, n. 42: explicação destas duas dimensões na catequese da infância.

o Autor da vida: o Deus e Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo, presente e actuante nos seus próprios pais e na comunidade cristã a que pertencem, também ela família de Deus.

Perante tais resultados, pedimos ao Secretariado Diocesano da Catequese que, em colaboração com outras instituições dedicadas à formação cristã na Diocese, assuma, como uma das prioridades para a sua evangelização, a divulgação e implementação deste modelo catequético. Ao mesmo tempo, solicitamos aos sacerdotes e outros responsáveis pela vida das paróquias o acolhimento das iniciativas que, neste sentido, forem organizadas, isto se realmente amam a parcela do povo de Deus que o Senhor lhes confiou e, com ela, o próprio Deus. Lembrem-se que, com Ele, tudo é possível!

**61** Também a **catequese da adolescência** carece de urgentes e profundas mudanças<sup>86</sup>. As razões são as mesmas e que, apesar de já terem sido acima sublinhadas, reiteramos, agora a propósito da catequese da adolescência. Primeiramente são imprescindíveis as mudanças para que a catequese se liberte de vez da armadilha em que caiu com a sua escolarização. De facto, muitos jovens adolescentes põem termo à prática cristã no final da catequese. Em segundo lugar, para que, no mesmo sentido, deixe de ser condição para a recepção do Crisma, que, por isso, é visto, não, em si mesmo, pelo que é e dá, mas como uma espécie de prémio, dado a quem «aguenta» tanto tempo a «chatice» de dez anos de catequese. Além disso, para que se deixe de vez o modelo de catequese infantil que predominantemente ainda está a seguir, quando o que os adolescentes menos suportam é serem tratados como crianças, que, de facto, já não são.

Razões suficientes para que se reconheça que a catequese da adolescência tem de ser parte da catequese juvenil, como, de resto e há muito, é reconhecido pela Igreja<sup>87</sup>. Aliás, as características da adolescência, a que lhe é inerente o gradual crescimento desde a

---

86. Cf. *ibidem*, ns. 44-48.

87. Cf. CONGREGAÇÃO PARA O CLERO – *Directório Geral da Catequese*, n. 181.

puberdade, ajudam a justificar a necessidade. São fundamentalmente três: primeiro, a tendência para abandonarem, pouco a pouco, a tutela dos pais, pela força maior que sentem — e bem! — de serem pessoas livres e responsáveis; segundo, a conseqüente necessidade de substituírem os pais por colegas — predominantemente, da mesma fase etária — e com eles formarem grupos de amigos; terceiro, o desejo de, tanto quanto possível, serem agentes activos da sua própria formação, o que é compreensível em quem tanto aspira ser pessoa e a agir como tal.

É, pois, a estas características que a catequese tem de adaptar-se, para ter sucesso. Como, em concreto? Primeiramente, dando primordial importância ao grupo, cuja união, tratando-se de fé e prática cristã, não assenta somente em simples laços humanos, mas é reforçada pelo amor recebido de Jesus Cristo. Em segundo lugar, alargando as actividades do grupo, para além da indispensável aprendizagem doutrinal, a intervenções em todas as áreas da vida da comunidade paroquial e a encontros com outros grupos — tanto no âmbito paroquial, interparoquial e diocesano, como nacional e internacional —, aproveitando para isso também as facilidades hoje oferecidas pelos meios de comunicação. Enfim, envolvendo-os ao máximo na sua própria formação cristã, quer na programação e realização de actividades, incluindo as de carácter doutrinal, quer depois na sua avaliação, passando o catequista a ser um animador que propõe mais do que impõe, no amor e respeito que tem pelo grupo, de que, aliás, deve sentir-se também membro.

Uma catequese assim dificilmente acaba depois do Crisma. Pois o grupo acaba por ganhar uma tal consistência que nem o afastamento de alguns dos seus membros vai destruí-lo. Pelo contrário, rapidamente se apercebem da sua necessidade e utilidade na idade propriamente juvenil em que, entretanto, vão entrar. Deve ser este, aliás, um dos objectivos deste modelo de catequese: a sua continuidade, então com mais autonomia tanto na organização dos grupos — já sem a mesma necessidade de animadores —, como na realização das suas actividades — a pensar no específico da idade juvenil, a vocação.

**62** Outra convicção cada vez mais comum é a de que a **catequese juvenil** não pode perder de vista a vocação. Aliás, «os jovens, a fé e o discernimento vocacional» foi o tema recentemente escolhido pelo Papa Francisco para o Sínodo dos Bispos, o que demonstra a sua relevância. Além disso, no mesmo sentido, já não se fala hoje de «pastoral juvenil e vocacional», mas de «pastoral juvenil vocacional».

É fácil de perceber porquê. Os jovens estão na fase da vida em que têm de escolher, definir e decidir-se sobre o seu futuro, não apenas no campo profissional, mas, principalmente e a um nível mais alargado, no projecto de vida que descobrem dever seguir e no qual se insere o aspecto laboral. Para isso, podem e devem, como cristãos, contar com Deus.

Precisam d’Ele para tomar a opção mais acertada e realizar a preparação mais adequada. É muito diferente fazê-lo com ou sem Cristo, com ou sem o amor com que, dando a vida por todos, está no meio de nós *como o que serve*. Com Ele, não podemos pensar só em nós, na nossa própria realização. Com Ele, sabemos que apenas na doação da vida pelos outros é que seremos realmente felizes. O segredo da vida está — já ao nível mais elementar — em prolongá-la nas vidas daqueles a quem a damos. Vejam-se o homem ou a mulher que se tornam pai ou mãe.

Para isso recomendam-se, entre outras iniciativas, que os jovens na sua criatividade, descubram e promovam, «experiências de oração, de encontro pessoal com Jesus Cristo; e entrega voluntária ao serviço de carenciados de bens tanto materiais, como morais e espirituais»<sup>88</sup>. Ambas com a vantagem de se receber mais do que se transmite. Quanto mais nos entregamos a Deus, mais Ele está em nós. Quando mais nos damos aos outros, mais se fortalece em nós o amor. Entre estes dois pólos se define a vocação: entre Deus que nos ama e os outros a quem nos envia a amar. Em qualquer um dos caminhos que, tendo em conta as nossas capacidades, optamos por seguir.

---

88. CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA — *Catequese: A Alegria do Encontro com Jesus Cristo*, n. 48.

**63** Também na **catequese de adultos** não se pode ignorar a situação em que se encontram. Para (melhor) acolher o Evangelho, têm, também eles, de sentir necessidade daquilo que só nele podem satisfazer. Isto em tantos campos quanto multifacetada é a vida de cada um: familiar e profissional, no bem-estar ou na carência, em ordem a assumir tarefas na sociedade ou na Igreja... Daí a variedade de formações.

Mas, todas elas, tanto no conteúdo como na forma, têm de partir do núcleo central da mensagem cristã ou tê-lo em conta, e de um modo tão vivenciado quanto possível. Ainda que se trate de cursos mais teóricos e sistemáticos, como alguns dos oferecidos pela Escola Superior de Teologia e Ciências Humanas. Mesmo nesses deve ter-se em conta a situação dos participantes, tocá-los nas suas faculdades cognitivas, volitivas e activas e, directa ou indirectamente, relacionar cada tema com o cerne do Evangelho.

Hoje, mais do que nunca, é uma necessidade sentida que esta formação cristã deve manter-se por toda a vida. A Igreja vive entre nós, cada vez mais, em diáspora, numa sociedade em que nos são propostas outras formas e modelos de vida diferentes ou até contrários aos dos cristãos. Logo, se estes não têm uma fé e prática cristãs de vida, profundamente enraizadas em si, facilmente as abandonam.

Vale-nos, entretanto e cada vez mais, a crescente desilusão, já referida, perante esses modelos. Não percamos, pois, tais oportunidades para a (re)evangelização. Façamo-lo, acima de tudo, pelo bem que queremos a essas pessoas — à maneira de Cristo, o bom pastor que, perante uma só ovelha perdida, *deixa as outras noventa e nove no deserto e vai ao encontro da perdida até a encontrar* (Lc 15, 4). Quem dera podermos, muitas vezes, ter a mesma alegria com que Ele festejou o (re)encontro!

**64** Para todas estas acções formativas precisamos de bons **formadores**. São figuras-chave, como o catequista para a catequese<sup>89</sup>. Há, por isso,

---

89. Cf. *Ibidem*, n. 31.

que ter especial cuidado na sua formação; genericamente, seguindo o mesmo caminho por eles percorrido na formação que dão. Só assim se tornam verdadeiras testemunhas.

Concretamente, e no que concerne especialmente à formação de catequistas para crianças e adolescentes — que, *mutatis mutandis*, pode servir de modelo para outros formadores — recomenda-se que, a partir do encontro com Jesus Cristo, seja:

- «Querigmática, em que o primeiro anúncio (do Evangelho) tem uma importância fundamental e permanente»;
- «Mistagógica, isto é, de progressividade da experiência cristã através da contemplação dos sinais litúrgicos»;
- «Fundamentada continuamente na Palavra de Deus: lida, reflectida e rezada»;
- «Eclesial e promotora de um acompanhamento pessoal do processo de crescimento na fé de cada catequizando»;
- «Baseada num processo sistemático, orgânico e integral, tendo em conta a especificidade do ministério do catequista»<sup>90</sup>.

O esquema está já a presidir à preparação dos diferentes cursos de formação de catequistas. Logo que prontos, serão adoptados também na nossa Diocese.

---

90. CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA — *Plano de Formação de Catequistas*, in «Lumen», III, 79 (2018, 3), pp. 65ss. Sobre o desenvolvimento de cada um destes pontos, leia-se todo o documento (pp. 64-77).

## EM ACTIVIDADES CELEBRATIVAS

**65** Nesta área, são os sacramentos que mais nos oferecem o Evangelho ao vivo e a sua energia evangelizadora. Primeiro, porque estão distribuídos pelas fases ou situações da vida de cada pessoa em que mais precisa da luz e força divina: no «nascimento e crescimento» pelos sacramentos da iniciação cristã (Baptismo, Eucaristia e Crisma); em necessidades de «cura», pelos sacramentos do mesmo nome (Penitência e Unção dos Enfermos); na idade de assumirmos uma missão na vida, pelos sacramentos do serviço (Ordem e Matrimónio). Em segundo lugar, porque todos eles recebem a sua energia do mistério pascal: por eles os crentes, como membros do Corpo de Cristo que é a Igreja, são unidos, «dum modo misterioso e real, a Cristo sofredor e glorificado»<sup>91</sup>.

Assim, é por sua intervenção que «no Baptismo, passamos de ameaçados filhos de homens a protegidos filhos de Deus; pela Eucaristia, passamos de famintos a pão para os outros; pela Confirmação, passamos de fracos a fortes; pela Confissão, passamos de culpados a reconciliados; pela Unção dos Enfermos, passamos de desesperados a pessoas confiantes; pelo Matrimónio e pela Ordem, passamos de individualistas a servidores do amor». É que «em todos os sacramentos, o Sacramento é Cristo. N'Ele crescemos da perdição do egoísmo para a verdadeira vida, que não mais acaba»<sup>92</sup>.

Examinemos agora em que medida este dinamismo evangelizador se está a reflectir na sua celebração, nas nossas comunidades. A partir do centro de cada uma, examinemos, sobretudo, a preparação que a precede e os efeitos que se lhe seguem, para que Cristo opere realmente naqueles que os recebem e, por eles, na Igreja a que pertencem e na sociedade em que vivem. Por outras palavras, para que sejam realmente evangelizadores, na actual fase da vida da nossa Diocese, em que a evangelização é particularmente necessária e urgente.

91. II CONCÍLIO ECUMÉNICO DO VATICANO – *Lumen Gentium*, n. 5.

92. *Youcat. Catecismo Jovem da Igreja Católica*, n. 173. Tradução directa do original alemão. A ordem em que neles são abordados os sacramentos foi mudada para a ordem mais conhecida entre nós.

**66** Pelo **Batismo**, o primeiro dos **sacramentos da iniciação cristã**, Cristo purifica-nos do pecado, original de uma sociedade entregue exclusivamente a si própria, faz-nos filhos de Deus, seu Pai, e integra-nos na sua família, em que nos chamamos «cristãos», como Ele é o «Cristo». Em crianças — entre nós, a idade mais frequente para o Batismo —, é claro que nada disto é possível sem a intervenção dos pais — e outros familiares —, dos quais totalmente dependem. Certo é que eles, mais ou menos explicitamente, estão dispostos a isso. Tal o bem e a vida feliz que qualquer pai e mãe deseja para os filhos! Então recordemos-lhes ou avivemos neles esse desejo. Não nos limitemos a adverti-los das condições legais exigidas, tantas vezes friamente, em descarada e escandalosa contradição com o Evangelho. Não conhecem ainda suficientemente a Cristo? Aproveitemos a ocasião especialmente propícia para isso e para o seu próprio bem. Tem de ser a mensagem cristã, tal como é transmitida, a impor-se por si própria.

Na (Primeira) Comunhão, a marcante participação plena na **Eucaristia**, o papel dos pais ainda é mais imprescindível, pois toca directamente no cerne do sacramento e do Evangelho que nele se actualiza. Assim, haverá melhor modo de mostrar a uma criança como é que Jesus nos dá o seu Corpo e Sangue, do que pela experiência que ela própria faz cada dia com os pais? Não é do corpo e sangue deles que ela, acima de tudo, vive? Daquele corpo e sangue gastos — mormente, pelo trabalho — para que os filhos deles vivam. Expliquemos isso também aos pais. Motivemo-los, se possível, para que eles próprios participem regularmente na Eucaristia, para melhor poderem cumprir essa missão fundamental de dar-se pela vida dos filhos. Pois há pais que o não querem ou não conseguem. Com todas as consequências negativas que isso tem para os filhos... e para os próprios.

Por sua vez, o **Crisma** oferece ao jovem adolescente aquilo de que precisa, para, mais ano menos ano, agarrar nas suas mãos as rédeas da própria vida. Se ele disso se apercebe — nomeadamente no grupo de catequese e na comunidade cristã em que mais se desenvolve humana e cristãmente —, então fica a saber que, com Jesus Cristo, com a luz e a força do seu Espírito, está muito mais bem apetrechado para entrar

nessa fase da vida, em que a verdadeira felicidade só a alcança quem, pelo dom da vida, procura fazer os outros felizes. Se o sabe, então é com redobrada convicção que acolhe o azeite perfumado da unção que o fortalece, para usar a sua vida a gastá-la pelos outros. Com que fim? Para os atrair para a maravilha que é conhecer, amar e conviver com Jesus Cristo. Afinal, não será para isso que Cristo o chama e fortalece? Quando, realmente estiver conquistado por Ele, não será fácil largá-lo, abandonando a sua Igreja.

**67** Passemos às situações em que a vida enfraquece e ameaça fugir-nos, no corpo e na alma. É nestas ocasiões que mais precisamos dos **sacramentos da cura**, daquela cura integral que Cristo nos oferece, a partir — imagine-se! — do momento da sua caminhada terrena em que mais débil se viu: na sua paixão e morte.

Para a **Penitência**, no sentido de conversão, consideremos alguns episódios narrados pelo evangelista S. Lucas. Primeiramente, o caso de S. Pedro. Depois de três vezes negar Jesus, acabado de ser preso, o que lhe sucedeu? *O Senhor fixou o olhar em Pedro*, de tal modo que, *saindo para fora, chorou amargamente* (Lc 22, 61.62). Observemos também a súplica do saltador, tocado pelo silêncio de Jesus perante as duras provocações de que era vítima: *Jesus, recorda-te de mim, quando fores para o teu reino* (23, 42). Assim como, muito antes da sua morte, mas com o mesmo amor aí levado ao extremo, a resposta de Jesus à pecadora, que sente quanto Ele a ama, por não a impedir de lhe banhar os pés com lágrimas, enxugar com os cabelos, cobrir de beijos e unguir com bálsamo: *Estão perdoados os teus pecados* (7, 48). Em outro episódio, Jesus causou tanta surpresa ao pecador Zaqueu, quando se ofereceu para ficar em sua casa, que este não teve mais que dizer senão: *Eis, Senhor, que vou dar aos pobres metade dos meus bens; e se defraudei alguém nalguma coisa, restituirei quatro vezes mais* (19, 8)<sup>93</sup>. Em vista disto, podemos concluir que «a conversão é, antes de mais, obra da

93. Tudo, episódios exclusivos de Lc, a que pode juntar-se a parábola do filho perdido, que, só perante a inesperada recepção do Pai, se terá completamente convertido; antes, apenas a fome o movia (Lc 15, 11ss).

graça de Deus (...). É ao descobrir a grandeza do amor de Deus que o nosso coração é abalado pelo horror e pelo peso do pecado, e começa a ter receio de ofender a Deus pelo pecado e de estar separado d'Ele. O coração humano converte-se ao olhar para Aquele que os nossos pecados trespassaram»<sup>94</sup>. Então, sigamos por esse caminho.

Pela **Unção dos Enfermos** unimo-nos a Cristo morto e ressuscitado, não apenas para a conversão e o perdão dos pecados. Pois «pela graça deste sacramento, o enfermo recebe o dom de se unir mais intimamente à paixão de Cristo», mas para ser, «de certo modo, *consagrado* para produzir frutos pela configuração com a paixão redentora do Salvador. O sofrimento (...) recebe um sentido novo: transforma-se em participação na obra salvífica de Jesus»<sup>95</sup>. Por outras palavras, é assumido como expressão e na sequência daquele amor que tanta vida custa a quem o pratica, mas, ao mesmo tempo, tantas vidas gera e alimenta naqueles que dele usufruem — aquele amor em que se envolvem a cabeça, com que pensamos, e as mãos, com que agimos. Que bem pode fazer aos enfermos sentirem-no quando estão a ser ungidos! Independentemente de qual for o desfecho, certo é que, se for a cura, saberão que a saúde recuperada é para se usar ao serviço do amor; não havendo cura, têm pelo menos a paz e a serenidade da fé de quem se sabe, sempre e para sempre, amado por Deus. Então sim, este sacramento deixará de ser temido, como se fosse o extremo.

**68** De todos os sete, **os sacramentos do serviço** são aqueles em que, na sua celebração, mais entram as mãos. Na verdade, o serviço, como a caridade, ou se pratica ou não existe. Jesus dá o exemplo na sua actividade messiânica: foi predominantemente das mãos que Ele se serviu, para servir. Trata-se de um serviço que teve, na oferta da vida, a sua expressão máxima, de tal modo que, vencendo a morte, está no meio de nós *como o que serve* — sobretudo, através daqueles que Ele sacramentalmente constituiu nessa missão.

94. *Catecismo da Igreja Católica*, n. 1432.

95. *Ibidem*, n. 1521.

Pela imposição das mãos, no sacramento da **Ordem**, constituem-se os diáconos, presbíteros e bispos como servidores de toda uma família — a Igreja. As mãos são, como vimos, os membros mais aptos e usados para a transmissão da vida, como poder. Mas, um poder a exercer — avisa-nos Jesus — não como *os reis pagãos exercem o seu domínio sobre eles e os que têm autoridade sobre eles são chamados benfeitores. Vós, porém, não sejais assim. Pelo contrário, o maior entre vós seja o mais novo; e o que manda, como quem serve* (Lc 22, 25s)<sup>96</sup>. Ao dizer-nos isto na última Ceia, significa que as mãos — com que o poder se transmite e o bem se pratica — são de afecto, amor e paz. As dos presbíteros são, inclusive, consagradas especialmente para esse efeito, porque é delas que Cristo se vai servir, para dar a sua vida, em quase todos os sacramentos. Quanto clericalismo se evitaria e, com ele, quanto mal na Igreja desapareceria, se os sacerdotes, neste ponto, jamais deixassem de olhar para Cristo e de o ouvir! Sim, a ordenação é para sempre.

No **Matrimónio**, é com as mãos unidas que os noivos, olhos nos olhos, prometem e se comprometem mutuamente a serem fiéis, a amarem-se e a respeitarem-se «na alegria e na tristeza, na saúde e na doença, por todos os dias da nossa vida». Recordemos que o matrimónio é o único sacramento em que os destinatários são também os ministros. Por isso, é Cristo quem fala pelas bocas do noivo e da noiva. Neste sentido, porque não chamar a atenção para isso? Não apenas para as palavras, mas também para o amor que nelas o Senhor está a transmitir: um amor ilimitado, que teve a sua maior prova na cruz... e na ressurreição. Ou seja, que é inigualável na sua energia. Lembrem-se: para toda a vida. Quem, apercebendo-se disto, não vai casar pela Igreja? Será que se atreve a reduzir a celebração ao espectáculo? Ou dará a prioridade à boda? Quem não deseja ser feliz para sempre e fazer felizes os frutos deste amor — os filhos, que não precisam somente do amor dos pais, mas também que eles se amem! É necessária

---

96. Entre os judeus, as tarefas mais humildes eram entregues ao *mais novo*.

uma adequada preparação? E um acompanhamento sobretudo nos primeiros anos? Mas, de que estamos à espera?<sup>97</sup>.

## EM ACTIVIDADES CARITATIVAS

**69** Quando o Papa Francisco se refere a uma «dimensão social da evangelização», parte do pressuposto que «evangelizar é tornar o reino de Deus presente em todo o mundo». Ora, como nada pode ficar fora dele, sem a dimensão social «corre-se (...) o perigo de desfígar o sentido autêntico e integral da missão evangelizadora». Pois «no próprio coração do Evangelho aparece a vida comunitária e o compromisso com os outros. O conteúdo do primeiro anúncio tem uma repercussão moral imediata, cujo centro é a caridade». Isto é, se, ao proclamar o infinito amor de Cristo, o anúncio «convida a deixar-se amar por Deus e amá-lo com o amor que Ele mesmo nos comunica», então tem de provocar «na vida das pessoas e nas suas acções uma primeira e fundamental reacção: desejar, procurar e levar a peito o bem dos outros»<sup>98</sup>.

Que isto é parte indispensável de uma catequese que se quer integral — isto é, que comprometa todas as faculdades da pessoa — e que é consequência imprescindível de todas as celebrações litúrgicas — especialmente a da Eucaristia — já o constatámos atrás. Além disso vimos também a atracção missionária da comunhão entre os primeiros cristãos, bem como o respeito que a Igreja grangeia, na sociedade de hoje, com as suas actividades socio-caritativas — sobretudo, se feitas com a gratuidade do autêntico voluntariado.

Convém, no entanto, esclarecer que não pode ser esse o fim primário da caridade da Igreja: nem granjear respeito e admiração da parte dos outros; nem conquistar mais gente para engrossar o número dos seus membros, mesmo que não se pense nos rendimentos que isso

97. Cf. FRANCISCO — *A Alegria do Amor*, ns. 205-222.

98. *Ibidem*, ns. 176, 177 e 178.

traz; nem sequer obter mais colaboradores para as múltiplas iniciativas pastorais. Se é para isso que o Evangelho é anunciado, seja em que área for da vida eclesial, então não estamos a amar as pessoas, pelo bem que lhes queremos, mas pelo bem que delas recebemos. Isto não é amor verdadeiro, de todo gratuito. Assim sendo, em nada não nos diferenciamos de quem exerce autoridade para ser chamado «benfeitor». Saltar daí para uma selecção dos beneficiários da caridade vai um passo; ou até para se cair na corrupção, um dos piores males no mundo de hoje, de que nem a Igreja está imune. Nada disso. A única intenção que nos deve mover no amor verdadeiramente evangelizador é o bem da pessoa, vista e respeitada na sua dignidade humana e como criatura de Deus, que Ele ama incondicionalmente, sem esperar dela senão a correspondência ao mesmo amor, mas na certeza de que isso a faz realmente feliz.

Posto isto e à luz destes princípios, passemos os olhos pelas pessoas e situações em que é mais necessária esta dimensão evangelizadora da caridade.

**70** Entre as pessoas que mais devemos amar estão, obviamente, os mais carenciados de vida — como as crianças e os idosos —, de saúde — como os doentes — ou de bens — como os pobres no campo não só material, mas também moral e espiritual. São eles os mais desprezados numa sociedade como a nossa, cada vez mais focada no rendimento e no lucro. É escandaloso o modo como a sociedade olha para esta gente, quando considera que, além de nada render, ainda dá mais despesa, se ajudada. O escândalo ainda é maior, quando esta mentalidade se apodera, mais ou menos explicitamente, também de pessoas que se dizem cristãs.

Não admira, por isso, que o Papa Francisco lhe dê especial relevo nos trinta e um números da sua exortação apostólica sobre a evangelização, dedicados à «Inclusão Social dos Pobres», em que, nas primeiras linhas, escreve: «Deriva da nossa fé em Cristo, que se fez pobre e sempre se aproximou dos pobres e marginalizados, a preocupação pelo desenvolvimento integral dos mais abandonados

pela sociedade»<sup>99</sup>. Isto é, deriva do cerne do Evangelho e é, simultaneamente, a sua expressão privilegiada.

No entanto, há que considerar alguns perigos: o de ser vista, até em instituições de solidariedade social da Igreja, primariamente como fonte de rendimento — sem confundir isso com uma rigorosa gestão; o perigo de, indirectamente, apoiar familiares que se querem ver livres dos seus idosos ou doentes; o perigo de contribuir, com funcionários remunerados, para acabar com a riqueza que é o voluntariado para a Igreja; o perigo de ter funcionários com os olhos postos mais no ordenado do que no bem que prestam às pessoas que servem; o perigo de se preocupar só com o seu bem-estar material, preterindo o moral e espiritual. Por conseguinte, a comunidade cristã não só deve evitar estes e outros perigos que desfiguram e até destroem a verdadeira caridade, como também deve criar a consciência de que «a prática do amor (...) pertence tanto à sua essência como o serviço dos Sacramentos e o anúncio do Evangelho»<sup>100</sup>.

**71** Há um grupo que, pelas dimensões que está actualmente a atingir, merece uma palavra à parte: o das famílias feridas — quer por falta de entendimento entre o marido e a esposa, que pode descambar em violência, quer porque a crise levou à separação ou até ao divórcio, ou ainda porque ao divórcio se seguiu uma nova união.

Se o Papa Francisco lhes dedica grande parte da exortação apostólica *A Alegria do Amor*<sup>101</sup>, é, primária e genericamente, para nos motivar a amar ainda mais estas pessoas, por estarem a sofrer, com maior ou menor intensidade: elas, os filhos, outros familiares e amigos... e a própria comunidade cristã, unida pela comunhão. Pois, *se um membro sofre, com ele sofrem todos os membros* (1 Cor 12, 26). Mas, sofrem, porque se amam com o amor tão sofrido de Jesus Cristo — de modo particular na cruz.

99. *Ibidem*, n. 186 (cf. ns. 187–2016). Recomenda-se obviamente a leitura de todos os números.

100. BENTO XVI — *Deus é Amor*, n. 22.

101. Cf. FRANCISCO — *A Alegria do Amor*, ns. 231–246 e 291–312.

É com este redobrado amor que se podem sanar crises e até aproveitá-las para fortalecer a união entre os cônjuges, depois de posta à prova. Com ele, se devem acompanhar e ajudar as vítimas de rupturas e divórcios, sendo o caso. Imbuídos desse mesmo amor, se deve fazer sentir aos divorciados recasados que não estão excluídos da comunhão eclesial. Enfim, se deve prestar especial atenção aos filhos, que são, muitas vezes, quem mais sofre — sobretudo se usados como pedra de arremesso entre o casal em litígio.

**72** Finalmente, uma palavra sobre a comunhão nas comunidades cristãs, enquanto resultado e meio privilegiado da evangelização. Que ela pertence à essência da Igreja, nunca é demais repeti-lo. Que, em sentido inverso, haja cristãos que deixam a Igreja por falta de união entre os seus membros, por incapacidade para se reconciliarem em casos de ofensas e litígios, deve no mínimo preocupar todos os outros, a começar pelos mais responsáveis.

Aproveitem-se, por isso, as ocasiões mais propícias para reforçar a comunhão. Por exemplo, as festas, anuais ou semanais — na Eucaristia dominical —, que têm a finalidade, para além do repouso do trabalho, de (re)unir as pessoas da mesma família cristã num convívio, até humanamente necessário. Ninguém consegue viver e sobreviver, sem ser com e para os outros. Outra ocasião propícia podem ser os funerais, em que a solidariedade com o defunto e com os familiares é particularmente bem-vinda: para com o irmão defunto, porque precisa da oração que nos põe em comunhão com todos os santos, mesmo para além da morte; para com os familiares, porque precisam de quem preencha, de algum modo, o vazio deixado pelo ente querido, que a morte levou. Como na cruz, é no sofrimento que o amor se fortalece. Quantas pessoas de relações cortadas conseguem então reconciliar-se — muitas vezes, familiares do defunto que, em vida, tanto sofria com a inimizade entre eles!





# DA EVANGELIZAÇÃO À GRATIDÃO

---

## A ENERGIA EVANGELIZADORA DA ORAÇÃO

**73** «*Mas o Filho do Homem, quando vier, encontrará a fé sobre a terra?*» A pergunta é feita por Jesus na conclusão da parábola do juiz que se rende à teimosa pressão de uma pobre viúva para lhe fazer justiça, só para se ver livre dela (Lc 18,1-8). Assim é a importância de uma oração persistente — quer Jesus mostrar-nos. Dela depende a fé, que nasce e se alimenta da oração, e nela se exprime.

No mesmo sentido, a pergunta pode aplicar-se à nossa Diocese e à sua evangelização. Sendo esta, acima de tudo, um testemunho vivo da fé no Deus a quem Jesus se entregou pela morte e que o ressuscitou para a nossa vida, não pode haver evangelização sem a persistente oração da fé neste Deus. Não será isso que está a faltar a tantos cristãos da nossa Diocese, inclusive a sacerdotes? O Papa Francisco leva-nos a pensar quando refere que, «sem momentos prolongados de adoração, de encontro orante com a Palavra, de diálogo sincero com o Senhor, as tarefas facilmente se esvaziam de significado, abatemo-nos com o cansaço e as dificuldades, e o ardor apaga-se. A Igreja não pode dispensar o pulmão da oração»<sup>102</sup>.

A última imagem, a do pulmão, orienta-nos para uma parábola paralela — a do homem que pela sua impertinência consegue do amigo

---

102. FRANCISCO — *A Alegria do Evangelho*, n. 262.

os pães de que precisa (Lc 11, 5-13). Aí, Jesus conclui, dizendo: *Se vós, sendo maus, sabeis dar boas dádivas aos vossos filhos, quanto mais o Pai do céu dará o Espírito Santo àqueles que o pedem*. De facto, assim aconteceu na manhã do Pentecostes: o Espírito desceu sobre os Apóstolos, mas depois de dias de assídua oração a seguir à ascensão, uma oração a que se entregaram, além dos Doze, também *algumas mulheres, entre as quais Maria, mãe de Jesus, e com os irmãos de Jesus* (Act 1, 14). A partir de então, foi o Espírito, prometido pelo Pai e d'Ele enviado pelo Resuscitado, o verdadeiro motor da imparável evangelização iniciada em Jerusalém logo nessa manhã<sup>103</sup>.

Ao considerarmos a metáfora que está subjacente ao mesmo Espírito — a do «ar» ou «sopro», que, passando pelos pulmões, é fonte de vida —, conseguimos compreender melhor os três sucessivos géneros de oração, propostos pelo Papa Francisco, para uma evangelização eficaz: a contemplação, em que «in-spiramos» o Espírito que nos leva a evangelizar; a intercessão, em que o «ex-spiramos» em favor de evangelizadores e evangelizados; e a acção de graças com que «ex-spiramos» para Deus a gratidão pela evangelização realizada.

Vejamos como isso se verifica na oração de Act 4, 23-31, enquadrada no contexto da primeira provação por que os Apóstolos tiveram de passar, em Jerusalém, por causa do anúncio do Evangelho.

## UMA ORAÇÃO DE CONTEMPLAÇÃO

**74** Depois de Pedro e João terem sido presos por ordem do Sinédrio, que os proibiu de falar ou ensinar em nome de Jesus, e o mesmo Sinédrio os ter de libertar por pressão do povo, que tinham do seu lado, por terem curado um paralítico, *foram ter com os seus e contaram-lhes tudo o que as referidas autoridades lhes tinham dito*. Foi então que, *depois de os ouvirem, invocaram a Deus numa só alma, dizendo:*

103. Cf. Act 4, 8.31; 5, 32; 6, 10; 7, 55; 8, 39; 9, 17.31; 10, 19.44.47; 11, 12.15.24.28; 13, 2.4.9.52; 15, 8.28; 16, 6; 19, 6; 20, 22s.28; 21, 4.

«Senhor, Vós fizestes o céu, a terra, o mar e tudo o que neles se encontra; Vós dissestes, mediante o Espírito Santo, pela boca do nosso pai David, vosso servo: “Porque se agitaram em tumulto as nações e os povos intentaram vãos projectos? Revoltaram-se os reis da terra e os príncipes conspiraram juntos contra o Senhor e o seu Ungido”. Na verdade, Herodes e Pôncio Pilatos uniram-se nesta cidade com as nações pagãs e os povos de Israel contra o vosso servo Jesus, a quem ungistes. Assim cumpriram tudo o que o vosso poder e sabedoria tinham de antemão determinado».

Trata-se de uma oração de contemplação de Deus, primeiro como criador e depois como redentor. É na redenção que mais se detém, aplicando o Sl 2, 1s a Herodes e a Pilatos. Pois foram eles que, em vão, se coligaram contra Deus e o seu Ungido. Mas, pensando tê-lo eliminado, acabaram por contribuir para o cumprimento dos desígnios divinos sobre a morte e ressurreição de Jesus. Ora, é a contemplação desta obra do poder e da sabedoria de Deus que dá aos Apóstolos a energia necessária para continuar, até com redobrada coragem, a sua missão — a energia que recebe quem se vê amado pelo Deus que nos deu o seu Ungido, que todo se entregou por nós.

Razão tem, por isso, o Papa Francisco, ao afirmar que «a melhor motivação para se decidir a comunicar o Evangelho é contemplá-lo com amor, é deter-se nas suas páginas e lê-lo com o coração. Se o abordarmos desta maneira, a sua beleza deslumbra-nos, volta a cativar-nos vezes sem conta». Assim sendo, «é urgente recuperar um espírito *contemplativo*, que nos permita redescobrir, cada dia, que somos depositários de um bem que humaniza, que ainda ajuda a levar uma vida nova. Não há nada de melhor para transmitir aos outros»<sup>104</sup> — se possível, depois de por eles interceder.

---

104. FRANCISCO — *A Alegria do Evangelho*, n. 264.

## UMA ORAÇÃO DE INTERCESSÃO

**75** Não há amor que se «in-spire» ou receba que não tenda a ser «ex-spirado» ou comunicado, partilhado. Aliás, só assim se mantém e fortalece. Por isso, os primeiros cristãos de Jerusalém juntaram, à citada oração de contemplação, outra de intercessão:

*«E agora, Senhor, vede como nos ameaçam e concedei aos vossos servos que possam anunciar com toda a confiança a vossa palavra. Estendei a vossa mão, para que realizem curas, sinais e prodígios, em nome do vosso santo servo Jesus».*

A oração é, primeiramente, pelos evangelizadores, para que, perante as ameaças de que estão a ser vítimas, mantenham e fortaleçam a necessária coragem e franqueza para anunciar o Evangelho, palavra transmitida também por acções — por *curas miraculosas*, como a do paralítico, *sinais* eficazes da maravilha infinitamente superior do amor de Deus na morte e ressurreição de Jesus.

Quão preciosa é esta intercessão! Sobretudo, quando surgem — de acordo com o Papa Francisco — «novas dificuldades, a experiência do fracasso, as mesquinhices humanas que tanto ferem. Todos sabemos, por experiência, — continua ele — que às vezes uma tarefa não nos dá a satisfação que desejaríamos, os frutos são escassos e as mudanças são lentas, e vem-nos a tentação de nos darmos por cansados. Todavia, não é a mesma coisa quando alguém, por cansaço, baixa momentaneamente os braços em relação a quem os baixa definitivamente, dominado por um descontentamento crónico, por uma acédia que lhe mirra a alma. Pode acontecer que o coração se canse de lutar, porque em última análise, se busca a si mesmo num carreirismo sedento de reconhecimentos, aplausos, prémios, promoções; então a pessoa não baixa os braços, mas já não tem garra, carece de ressurreição»<sup>105</sup>.

Se, para o último caso, é necessária uma oração de contemplação, reforçada pela intercessão dos que, pela fé, já vivem segundo a

---

105. *Ibidem*, n. 277.

Evangelho, a prece do próprio é imprescindível no caso anterior. Isto é, precisamos do Espírito, «de o invocar constantemente», pois só «Ele pode curar-nos de tudo o que nos faz esmorecer no compromisso missionário»<sup>106</sup>.

A intercessão será ainda mais eficaz se nela inserirmos os destinatários do Evangelho. O que indirectamente já acontecia na prece dos cristãos de Jerusalém. O que os movia, senão o ilimitado amor de Jesus Cristo? Se é este amor que nos leva a rezar — e outro motivo não pode haver para a verdadeira oração —, então não podemos deixar de interceder por aqueles a quem iremos falar ou já falámos do Senhor — a mãe ou o pai, pelos seus filhos; o catequista, pelos seus catequizandos; o pároco ou o bispo, pelos seus paroquianos ou diocesanos...

Façamo-lo com a confiança de quem ama, por se ver amado por Aquele a quem reza. Desta forma a evangelização a que nos dedicamos será muito mais convicta e eficaz. Ainda que os resultados não sejam imediatos ou sejam diferentes dos esperados. Quer o respeito pela liberdade dos outros, quer a correspondente paciência fazem parte do amor. Não é assim que Deus continua a amar-nos, até quando o rejeitamos?

---

106. *Ibidem*, n. 280.

## UMA ORAÇÃO DE ACÇÃO DE GRAÇAS

**76** A gratidão parece ser a única componente que falta na citada oração dos primeiros cristãos. Na verdade apenas parece. Porque os resultados da contemplação e da intercessão não se fizeram esperar. Tinham eles acabado de rezar, *tremeu o lugar onde estavam reunidos e todos ficaram cheios do Espírito Santo e começaram a anunciar com firmeza a palavra de Deus.*

Passou depois a ser tal a coragem com que o faziam que, perante a prisão, as ameaças de morte e novas e mais duras proibições e castigos que a seguir tiveram de sofrer, sentiram o contrário de qualquer manifestação de desânimo ou de tristeza: *sairam da presença do Sinédrio cheios de alegria, por terem merecido serem ultrajados por causa do nome de Jesus.* Sentiram a alegria de poderem assumir na própria carne sofrimentos semelhantes aos que levaram Jesus a dar a vida; a alegria de assim anunciarem o seu Evangelho ainda mais ao vivo. Por isso, *todos os dias, no templo e nas casas, não cessavam de ensinar e anunciar a boa nova de que Jesus era o Messias (Act 5, 41s).*

Se esta alegria não redundava ainda em explícita acção de graças, o mesmo não acontece, mais tarde, com Paulo e Silas. Na prisão de Filipos, depois de açoitados, com os pés presos a um cepo, sob apertada vigilância, *por volta da meia noite, Paulo e Silas, em oração, entoavam louvores a Deus e os outros presos escutavam-nos.* Provavelmente, *entoavam louvores* por estarem a sofrer por causa do Evangelho e também pelos seus previsíveis resultados, semelhantes aos dos sofrimentos de Jesus Cristo na cruz. Certo é, contudo, que, *de repente, sentiu-se um tremor de terra tão grande que abalou os alicerces da prisão. Todas as portas se abriram e soltaram-se as cadeias de todos os presos.* O carcereiro, depois de acreditar no Senhor Jesus, recebeu o Baptismo, ele e toda a sua família (Act 16, 22-34).

Não tinha Jesus, com o amor manifestado na cruz, rompido com as correntes e os muros infinitamente mais fortes da morte? Não é esse o motivo central da maior acção de graças da Igreja, a Eucaristia em que nos é oferecido esse amor, depois de o contemplarmos e, por ele, darmos graças ao Senhor, nosso Deus?

De facto, «quando um evangelizador sai da oração — conclui o Papa Francisco —, o seu coração torna-se mais generoso, libertou-se da consciência isolada e está ansioso por fazer o bem e partilhar a vida com os outros»<sup>107</sup>. Que assim seja, nomeadamente entre nós.

---

107. *Ibidem*, n. 282.

**77** Para isso, é com redobrado fervor que continuamos a dar graças ao Senhor pelos quarenta anos de vida da nossa Diocese, agora também na firme esperança de que desta oração resulte a sua tão necessária e urgente renovação:

*Senhor Deus, nosso Pai,  
damos-te graças pelo Espírito  
que, por Jesus Cristo,  
teu Filho e nosso Senhor,  
derramas sobre a Igreja.*

*Olha, com amor,  
para esta Diocese de Viana do Castelo,  
que celebra quarenta anos de caminhada  
como Igreja particular.*

*Faz com que as nossas comunidades cristãs,  
edificadas pela Palavra  
e alimentadas pela Eucaristia,  
cresçam na comunhão.*

*Pedimos-te pela renovação da nossa Diocese,  
para que, fiel ao sopro do Espírito,  
seja sal da terra e luz do mundo  
e faça suas as tristezas e as angústias,  
as alegrias e as esperanças  
dos homens e das mulheres de hoje.*

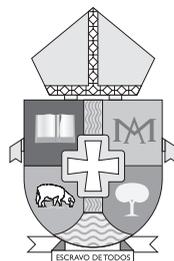
*Dóceis à acção do Espírito Santo,  
faz com que sejamos:  
agradecidos, sob o impulso dos Beatos  
Bartolomeu dos Mártires e Paulo VI;  
testemunhas do Evangelho,  
a exemplo de S. Teotónio;  
e, sob a protecção de Maria Santíssima,  
contemplando o verdadeiro rosto de Jesus Salvador,  
uma Igreja jovem e bela, missionária e acolhedora,  
livre, fiel e rica de amor.*

*Amen.*

*Que Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo,  
por intercessão de S. Maria Maior, de S. Teotónio  
e dos Beatos Bartolomeu dos Mártires e Paulo VI,  
infunda em todos a energia do seu Espírito,  
para serem testemunhas do seu Evangelho.*

*Viana do Castelo, 15 de Agosto de 2018,  
Solenidade da Assunção da Virgem S. Maria  
e oitavo aniversário da minha entrada na Diocese*

*† Anacleto Oliveira*





1977



2017



S. TEOTÓNIO

---

# EVANGELIZA

---

PROJETO PASTORAL TRIENAL 2017/2020

ANO PASTORAL  
**2018/2019**

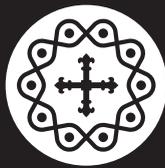


Diocese Viana do Castelo

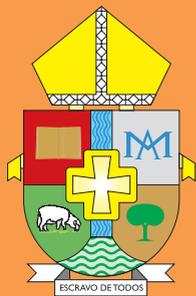
Esta edição da Carta Pastoral  
foi composta em caracteres  
“Leitura” e impressa pela Gráfica  
Visão, sobre papel Coral Book  
de 90 g, em Setembro de 2018.



1977-2017



Diocese  
Viana  
do Castelo



1977-2017



Diocese  
Viana  
do Castelo



Instituto Católico  
de Viana do Castelo

